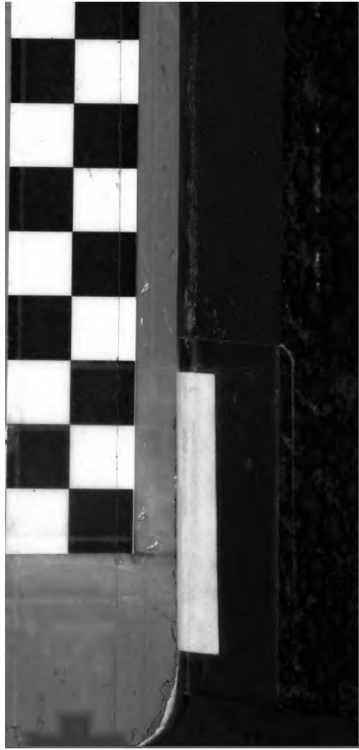
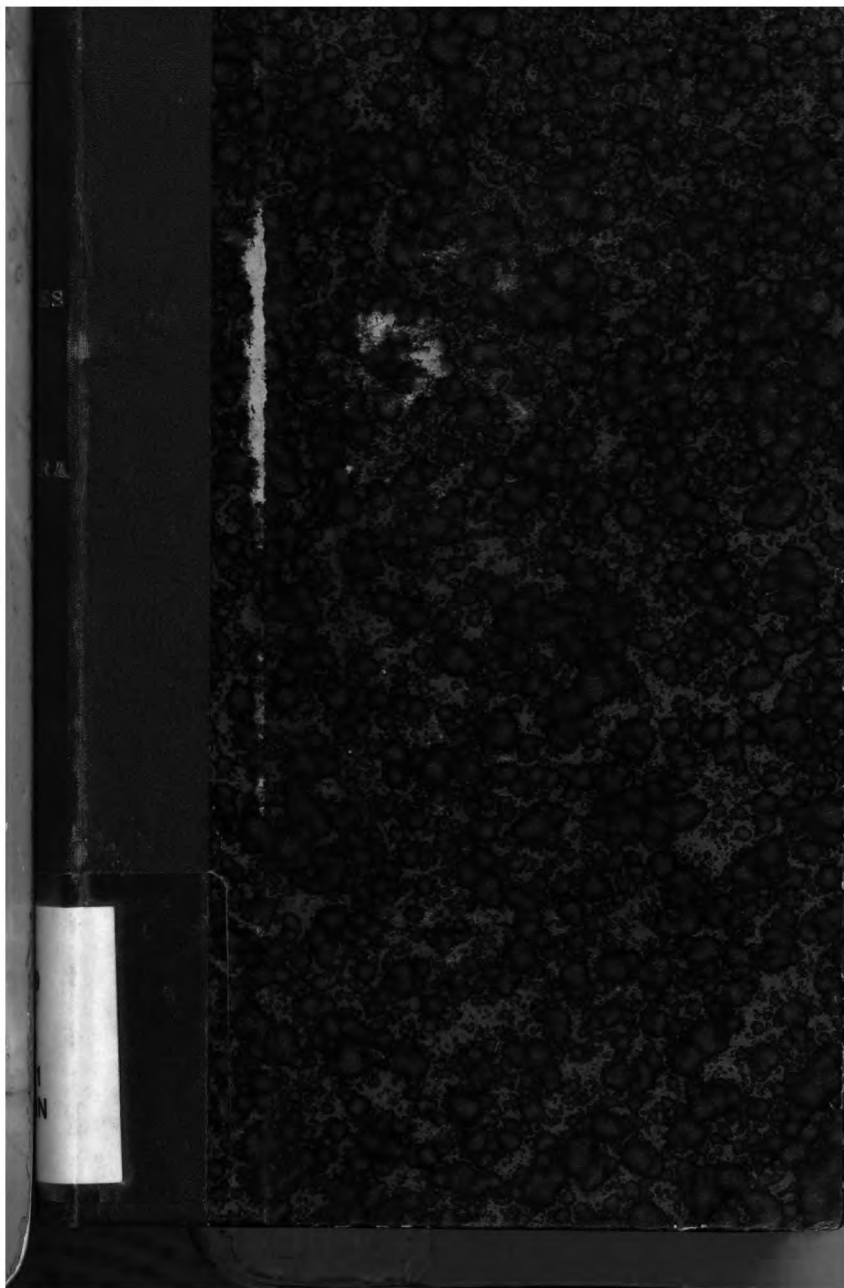


P N
6109
P67
F56
1871
MAIN

ORBS
DA
ORIRA





14. ad.

(14) + 240 + (1) pag

Leve. XIII, pag. 52, n° 9393

FLORES DA MADEIRA

№

FLORES DA MADEIRA

POESIAS

DE



DIVERSOS AUTHORES MADEIRENSES

COLLIGIDAS

POB

JOSE LEITE MONTEIRO
E
ALFREDO CESAR D'OLIVEIRA.

FUNCHAL

TYP. DA IMPRENSA LIVRE

Rua do Perú—47.

—
1874.

Digitized by Google

MAIN
013131047

30/07

PN 6109

P67

F56

1871

AUTHORES MAIN

DAS POESIAS COMPREHENDIDAS NESTE VOLUME.



Ill.^{mas} e Ex.^{mas}. Senr.^{as}

D. Emilia Acciaioly Rego, Senior (Pag. 195).

D. Leolinda Jardim Vieira (Pag. 41, 128).

D. Luiza Maria Pereira (Pag. 61, 162).

D. Maria da Costa Pereira (Pag. 52, 63).

Viscondessa das Nogueiras (Pag. 178, 181, 188).



Afonso de Almeida Fernandes (Pag. 95).

Alfredo Cesar de Oliveira (Pag. 55, 167, 197).

Alipio Augusto Ferreira (Pag. 59, 107).

Antonio Alves da Silva (Pag. 12, 57).

Antonio Policarpo dos Passos Sousa (Pag. 174).

Augusto Carlos Escorcio (Pag. 74).

Francisco Clementino de Sousa (Pag. 144).

Viscondessa das Nogueiras

VI

Francisco Vieira (Pag. 142).

Januario Justiniano de Nobrega (Pag. 6, 30, 45, 78, 113, 164).

João Augusto de Ornellas (Pag. 185).

João da Camara Leme (Pag. 15, 129).

João Fortunato de Oliveira (Pag. 99).

João de Nobrega Soares (Pag. 83).

José Antonio Monteiro Teixeira (Pag. 65, 134).

José Marciano da Silveira (Pag. 177).

Julio da Silva Carvalho (Pag. 19, 126, 169).

Luiz Alexandre Ribeiro de Mendonça (Pag. 34, 158).

Luiz da Costa Pereira (Pag. 71, 114, 156).

Luiz de Ornellas Pinto Coelho (Pag. 26, 43, 110).

Manoel Luiz Vianna de Freitas (Pag. 25)

Marcelliano Ribeiro de Mendonça (Pag. 1, 150).

Mauricio Carlos de Castelbranco Manoel (Pag. 76, 192).

**Mauricio Carlos de Castelbranco Manoel
e
Carlos Acciaiolly F. de Noronha (Pag. 172).**

Ex.^{mo} Sr. Francisco de Andrade

Meu Presado Professor e Amigo.

Estão no prelo as primeiras folhas do livro de que fallei a V. Ex.^a, entitulado *Flores da Madeira*, contendo poesias de auctores madeirenses antigos e contemporaneos.

Persuado-me de que é um serviço litterario a ésta terra transmittir á posteridade produções que se perderiam nas folhas dispersas de pouco lidos periodicos insulanos, ou morreriam ineditas, deixando uma lacuna na história litteraria d'este paiz. Mais me convenceu da importancia de tal serviço a isempção com que V. Ex.^a proprio deixou desaparecer composições suas poeticas que, segundo refere quem leu os manuscriptos, tanto primavam pelo merito litterario, como pelos sentimentos patrioticos de que eram manifestação e incentivo, escriptas nesses tempos em que a publicidade pela imprensa não era tão facil nem tão livre como o está felizmente sendo em nossos dias.

Deplorando perda tão sensivel, acudamos a salvar quanto podermos do muito que se acha exposto ao mesmo risco. E, se isto é

effectivamente um serviço á nossa litteratura, não desesperemos de ver vinculado ao livro que o presta o nome do mestre a quem toda a Madeira litteraria deve muito e mais do que a ninguem. E' por isso que venho rogar a V. Ex.^a. duas palavras de *introducção* para este parnaso madeirense, onde, a par do nome de M. R. de Mendonça, como o de V. Ex.^a querido e respeitado, apparecerá toda ésta pleyade a cujo desenvolvimento intellectual V.^a. Ex.^a tem consagrado vida tão preciosa.

Sou de V. Ex.^a, com profundo respeito e sincera estima,

Discipulo e amigo

S. C. 7 de maio
de 1871.

Alfredo Cesar d'Oliveira.

...Sr. Alfredo Cesar de Oliveira

Meu muito estimado amigo

É, finalmente, chegada a hora em que me resolvi a responder á carta com que V.... me honrou em 7 de maio. Só passados dois mezes e meio me veio esta vontade, e, ainda assim, não muito decidida. Que quer V....? Ésta doença que se me tem feito abatez do pulmão, já se vai para além do tempo, e que me tolhe o respirar sem trabalho, que me tem feito dos bronchios uma vertente laboriosa que me vai pouco e pouco desfalecendo; ésta molestia diaria e sem remissão tem-me tambem morto a vontade. Indifferente e apathico para tudo, nada me importa, nada quero. Não padeço como Job, mas, como a d'elle, *a minha alma tem tedio da vida*. De que sirvo eu já? De nada. Fui feliz, em quanto aproveitava a alguem. Estou hoje privado d'esse prazer, o maior para quem tem coração de homem; por que, se para ser o primeiro entre alguns é mister servir os outros, nenhum homem se póde considerar mais homem, do que **quando utiliza aos seus semelhantes; e não póde haver maior**

prazer que o do sentimento da propria
hombridade.

Assim, sem alento nem animo para nada,
que *palavras de introdução*, ainda que sejam
duas, quer V. . . . que lhe eu mande para as
Flores da Madeira? Fôra uma entrada sem
gô-to nem graça para um formoso jardim. É
melhor que elle se offereça immediatamente aos
olhos dos visitantes, cuja curiosidade logo no
primeiro alfobre encontra com que recrear-se,
porque ahi recendem suaves perfumes de pri-
morsas flores artisticamente dispostas. E por
onde quer que o olhe, por toda a parte se lhe
ostentão variadas e amenas boninas, quaes cria
um paiz onde nem o mesmo inverno cresta á
rosa o brábo nem lhe suffoca o perfume.

Bem haja o meu nobre amigo, que lida
em dar luz ampla a tanta flor mimosa que
por ahi jaz escondida ou gosada só de pçu-
cos, merecendo com tudo ver a luz clara da
publicidade, recrear as horas de enfado a
muitos, e illuminar com uma aureola de gló-
ria o nome de quem as creou.

Quanto a mim, não tem V... que lamentar a perda dos poucos versos que escrevi. Com a falta d'elles nada perde a posteridade, nem a história litteraria. Nunca fui poeta. O enthusiasmo faz ás vezes um homem parecer o que não é. Passado esse prazo extraordinario e anormal, volve outra vez a nada que é. Tal fui eu.

Se alguma cousa mereço, (não attribua a vaidade louca o que vou dizer,) é pelo serviço que fiz ás letras patrias introduzindo no lyceu o estudo classico da lingua materna. Mas esse mesmo serviço a bem poucos aproveitou, porque bem poucos o quizerão aproveitar. E' mais poderosa que a minha auctoridade de grammatico a torrente caudal de gallicismos que encharca uma boa parte dos modernos escriptos. E a mocidade, hebida naquellas aguas turvas e viciadas, despreza a corrente limpida e pura da lingua que nos legarão possos maiores; lingua adquirida e formada á custa de muito estudo, afinada pelo tom harmonioso dos modelos que nos herdou o genio do Lacio;

lingua cheia de garbo e valentia; lingua de fôrmas airozas, galhardas, elegantes, senhoris; não como a linguagem d'hoje, rachitica, titire, sem brilho nem donaire, mixtura hybribra de syntaxe franceza e vocabulario portuguez, (quando é portuguez,) imagem bem caracterisada da epocha inconsistente que vamos atravessando.

Entre tanto, se mais e melhor estudo houvesse, muitas mais, e mais lindas, flores poderia V... colher, porque esta terra, no seu tanto de pequenina, não deixa de ser boa geradora de talentos. Aqui a natureza não é a que falta ao homem, mas o homem é o que falta á natureza; ou, como hoje dizem, aqui não é a natureza que falta ao homem, mas é o homem que falta á natureza; talvez sem esta glosa não fosse eu entendido; mas aquelle modo de dizer é o genuino portuguez, assim como este é na lingua franceza o genuino francez.

Mas, como ia dizendo, se nesta terra a cultura do talento andasse a par d'elle, com

muitos primores poderíamos enriquecer a literatura. Ordinariamente porém onde mais abunda o talento, mais falta o estudo.

Mas quem poderá persuadir á nossa mocidade que estude, e estude com esmero? Este ambiente delicioso que nos cerca afrouxa-nos tanto os nervos...faz-nos a vontade tão remissa!...

Prosiga, com tudo, V... no seu empenho. Póde ser que ésta publicação seja incentivo á nossa mocidade para se applicar deveras ao estudo.

Termino aqui. Tinha pouca vontade de escrever, mas vou já sendo importuno.

Sou, como V... sempre me mereceu,

De V....
amigo muito afeiçoado

Monte 21 de
julho de 1871.

Francisco de Andrade.

FLORES DA MADEIRA



I

A GRANDEZA DO HOMEM

—INEDITA—

Que novos ceos, que estranhas scenas aro!
Surda, esteril soidão se alonga a terra;
 Inda, homem, não respiras;
 Sôbre a urna dos seculos
Em profundo lethargo inda repouisa
Da morte precursor, lobrego espectro!

Mas um vagido rompe! um ai que expira!
De confusa mudez surde harmonia!
 O calos a delir-se!
 Frouxo o tempo a erguer se!
Esta pouca de argila a condensar-se!
Move-se! vive!—Es tu, mortal, nasceste!...

Mal sôbre a terra, inermes, a terra é tua;
Curva-te aos pés annozo tronco a fronte
 De bagas ad'reçada,
 Horrida espelunca,
Que o tigre cede espavorido e foge,
É do rei do universo o primo alcaçar.

Ordem, belleza os passos te assignalam ;
A tua mão recuam brenhas, fragas,
Desertos se povoam,
E toda ufana a terra
Da grada espiga que lhe doira o seio,
Com larga paz responde a teus desvellos.

Albeado, em tórno a ti volvendo os olhos,
Quemês? ao tronco, á fraga, aos ceus perguntas;
Sóltas 'no espaço a mente,
Sonda-te o ingenho abysmos
E, a flux dos labios hymnos te desatam,
Que ao Ser Ignoto o coração te elevam.

Por quaesquer meios prodigo em prodigios,
Dás corpo á phraze, ao pensamento vida ;
Aprendes do passado,
Futuros illuminas,
E vai por eras mil teu nome illustre
Dar vivo abalo em generosos peitos.

Aqui, onde eram pantanos, levantas
A topetar co'as nuvens, magestosa,
Torreada metropole ;
Teu poder invencivel,
Tão fogosas paixões, tão desvairadas,
Em remansado abrigo as acalenta.

De um polo a outro, apoz ganancias corres ;
Ruge-te aos pés, cérulea fronte abate
Orgulhoso oceano :

Polo norte descrido,
Trêmulo iman os passos te alumia
No perdido estirão do cego abysmo.

Per longos mares separados mundos
Um d'outro achegas, d'aímbos te eiradas
Os Aquilões soffreas
Na vaga vela ondéante:
E lendo nas estrellas que devassas,
Firmas o pé per onde os ceos te guiam.

De impenetraes segredos tão ciosa,
Tu fôrças a natura a revelar-tos;
Num tubo o ar se petas,
Sobre os Euros vijas.
E d'essa luz, que mundos cento anima,
Audacioso prisma os raios conta.

Do ignipotente Jove o punho alçado,
Que cavalgados montes sotterrâra,
Aos pês te cahè submisso:
Arrancas de atra nuvem,
Corrido porque desce a teu mandato,
Precoce inda o trovão que estala e tomba.

O' prodigio maior, virtude augusta,
De humanos corações mais nobre esmalte,
E posso eu esquecer-te?
Benigna confortando
Esta alma que em deliquios se debate,
Teu liminar sagrado lhe franquea.

Eu vos a doro, sombras venerandas,
Esposas, paes, amigas virtuosas,
 Vivos lumes da patria,
 Cujos nomes, feitura
Nas paginas da historia fulgurando,
São norte ao peito que demanda a gloria.

Aqui um povo em pasmo, em pranto amigos!
Geme, verdade, é Socrates que expira.

 Tu lhe deste a cicuta!

 Acolá vejo Roma....

Vejo Catão que a f'rida despedaça
Per onde uma alma livre aos ceos remonta!

Que virgem rasga a noite de occo abysmo,
Onde em ferros o pae lh'à mingua estala?

 Dos labios se lhe achega,

 Jorra-lhe o peito a vida

Do proprio pae e mãe, e a natureza
Surrindo-se bẽmdiz erro tão doce.

Entre buidos ferros entallado,

Esse Gallo que faz?—oh transe! oh gloria!—

 Salva-lhe a patria um grito?

 Custa-lhe um grito a vida?

Ondear não sabe ancipete na escolha;—

E brada, e morre, e salva ao jugo a patria!

A mea chave na mão... um Luzo absorto...

A lagem sepulchral de um rei tombando!...

 Aquella os tenros filhos

Armando desvellada,

Por que vão resgatar, da vida a preço,
A patria, a gloria, o nome de outras eras !...

Oh! d'estes, de outros cento que ali fulgem,
Homem, qual és a conhecer-te aprende :

Respeitando-te, exaltas

A mãe que te lavrou,

E só de ingrato olvido de ti mesmo,

Apoz teus crimes, manam teus desastres.

Mundos, mundos sem fim que esparge e roda
No vacuo immenso um Deos, um Deos proclamação;

Mas de sua grandeza,

Humano generoso,

Callem-se mundos, ceos, terra emmudeção,

Que mais nobre padrão 'nalma te avulta.

1830.

MARCELLIANO RIBEIRO DE MEMDONÇA.

II

A ORAÇÃO DO POETA.

Uma terra assim tão linda
Em que parte o globo encerra?!
Terra assim não vi ainda
Linda como a minha terra:
Gosto é ver d'esta campina
Correr agua crystalina,
Em cordões de prata fina,
Pela encosta d'ampla serra;

Gosto é, sim, a vista alçar
Pelas penhas que estou vendo,
Que o ceu parecem tocar,
Que vão d'abysmos erguendo!
'Nestes bosques verdejantes,
'Nestas selvas fluctuantes,
'Nestes prados tão fragrantés
Minh'alma s'está revendo!

Aurora, toda rubim,
D'aqui ver é doce encanto,
Com seus dedos de carmim
Afastar da noite o manto,
Na quadra que o valle arrêa,
Em que o verde campo ondêa,
Em que ella rompe tão cheia
D'albores, que não de pranto.

Nascer em berços de neve
Gôsto é ver dia invernosos,
E o sol, que occulto esteve,
Surgir depois magestoso;
E lá do ceu, meu anhelos,
Despedir um raio bello
Por sôbre grupos de gêlo
Que em monte alveja formoso :

Que nesta vergel de rosas
Não ha invernosos estação,
Que, após noites tormentosas,
Não traga dias de v'rão;
Nem n'esta plaga se vio
Despedir-se inverno frio,
Sem nos dar noites d'estio
Bellas como os dias são.

Gôsto é ver dos ceus no cume
Dos astros o rei brilhar;
A espargir o vivo lume,
De luz a terra inundar :

Que no lindo azul do ceu
Raro ha nuvem, denso véo,
Que, empanando o brilho seu,
Lhe possa os raios quebrar.

Agora o vejo tão brando,
Já para o tum'lo s'inclina,
O cimo lá vai roçando
D'aquella ingente collina :
E, já sem almo calor,
Já sem fogo abrasador,
Matisa de rósea còr
O verde d'esta campina.

E já lá oiço o *papinho*
Tão dorido, tão tocante,
O saudoso passarinho,
Que, do dia agonisante
No suspiro derradeiro,
Vem juncto áquelle ribeiro,
Sóbre copado loureiro
Dar o sentido descante.

Momento solemne ! agora
Á etherea mansão m'elevas ;
Tu és dos vates a hora,
Hora, que tanto m'enlevas !
Quem não tem n'alma a poesia
Só dia e noite aprecia :
Já não ha luz, não és dia,
Nem noite, que não ha trevas.

Salve, crepusc'lo, qu'eu amo,
Momento d'inspiração !
Na idéa de Deus m'inflammo ;
Ao ceu a minha oração ;
Que benigno o ceu a ouve
'Nest'hora que a Deus aprouve
Dar ao vate, p'ra que louve
As obras da Creação.

Do ceu e da terra
Sob'rano Senhor,
Qu'és todo bondade,
Que todo és amor ;
O' tu—Rei dos reis—
D'immensos podêres
Que os solios da terra
Abates se queres ;
Que do nada podes
Mil mundos tirar,
Pois este soubeste
Do nada formar ;
Torna a minha patria,
Qual foi, florescente,
Oh ! põe sôbre a triste
Olhar complacente.
De teus amplos mares
A filha mais bella
Abatida e pobre....
É lástima vê-la !

Só floridas galas
Tem da tua mão,
Da tua formosa
Vasta Creação.
E galas tão ricas...
E tanta penuria...
Qu'exprimem?!... dos homens
Despresos ... incuria!
Mais amor da patria,
Senhor, nos inspira;
Amor pela terra
Que nascer nos vira;
Que ja foi emporio
D'immensa riqueza,
E é hoje o triste
Painel da pobreza!
De preces ingenuas
Te mova o fervor.
Revoca-me ao fausto
A patria, Senhor!

De ameno prado florido
Puro aroma agóra veio;
Porque m'enleva o sentido?!
Porque produz este enleio?!
Ah! este, que me avassala,
Que tanto o olfato regala,
É o mesmo aroma qu'exhala
De amante Virgem o seio.

Recendente exalação,
Que vens meu rosto afagar,
Vai minha humilde oração
No sacro throno entoar!
Deus, que para os tristes olha,
Por piedade a triste acolha!
A aragem, qu'embala a fôlha,
Meu rôgo ao ceu foi levar.

.
.

Eis novo brilho! A rainha
Da noite ergueu-se formosa,
E toda esbelta caminha
Pelos seus paços vaidosa,
Seguida de mil fulgidas
Magas estrellas garridas,
Açafatas presumidas
D'esta princesa fastosa.

C'o mesmo esplendor do dia
Brilha a noite! eu vejo a serra,
Vejo o oceano qual via!
Desde o principio da terra
Atè onde a terra finda,
Uma terra assim tão linda
Eu não vi, não vi ainda,
Nem o globo todo encerra.

1851.

JANUARIO JUSTINIANO DE NOBREGA.

III

O CEMITERIO.

I

Meia noite... na terra dos vivos ;
Aqui dias nem horas não ha :
Cada hora na vida é contada,
As da morte, quem as contará!

Meia noite retumba nas trevas !
É silencio... Os homens tem medo.
Nem um passo resoa d'amigo :
Os que morrem esquecem tão cedo !...

La ao longe nas casas dos ricos
Todos folgam banhados em luz :
A qui dentro... aos mortos só velam
Estendidos os braços da cruz.

Nessas casas, a filha vaidosa
Em requebros se está meneando;
Dança... em quanto da mãe o cadaver
Vão os vermes no po devorando.

Meia noite!... em vultos medonhos
Pavorosas mil sombras vagueam:
Sôbre as campas que entre ellas alvejam,
Só os negros cyprestes ondeam.

Sempre o mesmo no mundo dos mortos,
No dos vivos... Oh! tudo varia!
Aqui sombras, phantasmas, — lá fóra...
Grandes cousas que duram um dia.

II

Esta casa—não vês aqui perto?
Triste asylo... ouviste!—um gemido!
É o pobre que em leito de dores
Se contorce a morrer esquecido!

La ao longe—não ouves? que festa!
Que folgança, sarau tão de ver,
A viuva com os orphãos doudeja:—
Que brilhante, continuo prazer!

E que triste continuo socêgo
Dos que fóram assombra o jazigo!
Saudade!... que è d'ella? não vem:
O sepulchro não tem um amigo.

Nos salões onde os grandes se agitam,
Iguarias têm rodado no chão;
Nas moradas dos pobres, a fome
A mata-os... Pediram em vão.

Roda em crimes vil turba ociosa,
A vaidade que folgue, que ria:—
Malquerenças, invejas, orgulhos...
Sombras, sombras que duram um dia.

Embriaga-t'ém 'speranças malditas,
Envilece na tua ambição,
Que as grandesas que sonhas na vida
Estas campas te dizem que são.

Que te resta, oh mundo dos vivos,
Nesta vida sem termo creada?
O passado aqui'spera o futuro...
Que te resta!—O presente que é nada.

1881.

DR. ANTONIO ALVES DA SILVA.

IV

A TUA IMAGEM.

Sais tu, jeune fille, ce que
je voyais toujours.....?
Toi, ton ombre, l'image de l'ap-
parition lumineuse, qui avait
un jour traversé l'espace de-
vant moi.

VICTOR HUGO.

Como posso esquecer, um só momento,
Teus encantos, donzella,
Se m'os gravou amor no pensamento,
Como essa viva estrélla,
Que Deus lançou no espaço, firme, estavel,
Que o Norte vê brilhar
De ha seculos sem conto inda immutavel?
Como hei de eu deslembrar,
Ó anjo encantador, tua belleza,
Se a cuido ver em toda a natureza?

Vejo em tudo a tua imagem,
Que nunca posso olvidar;
Vejo-a na luz e nas trevas,
No céu, na terra, no mar.

Eu vejo-a no ceo,
Coberto, ou sem veo,
Sem mancha, ou toldado;
Nesse astro do dia,
Que anima, allumia
O globo habitado;
Nas brancas estréllas,
Tão gentis e bellas
No seu fulgurar;
Na lua de prata,
Que o rio retrata,
E as aguas do mar;
Em nuvem de neve,
Que corre tão leve
Imp'llida do vento,
E em tudo o que gira,
Se vê, e se admira
Lá no firmamento.
Eu vejo-a na terra,
Em tudo o que encerra,
E aos olhos off'rece:
Na flor, que viceja,
Que cora, ou alveja,
Murcha, empallidece;
No risonho prado

Fragrante, esmaltado,
Bello a verdejar ;
Na leve folhagem,
Onde a branda aragem
Anda a suspirar ;
Na erguida montanha,
Na gruta, na penha,
No valle, no monte,
No bosque, na selva,
Nas plantas, na relva,
No arroio, na fonte.
Eu vejo-a no mar,
Quer venha bramar,
Horrisono e rouco,
De encontro aos penedos,
À praia, aos rochedos,
Co'a a furia de louco,
Montanhas formando,
Abysmos cavando,
Medonho e tremendo ;
Quer mui socegado,
Brando e repousado,
Se esteja revendo
Em tudo o que brilha,
Que avulta, scintilla,
Passa, ou permanece,
E, como suspenso
Lá no espaço immenso,
À vista apparece.

**Vejo em tudo a tua imagem,
Que nunca posso olvidar;
Vejo-a na luz e nas trevas,
No cêo, na terra, no mar.**

1851.

• **SR. JOÃO DA CAMARA LEME.**

UM BEIJO

Que j'expire dans un baiser

CASIMIR DELAVIGNE.

Se um'alma oppressa, abatida,
Em penas e dor se esvai,
Penas e dor e tormentos
Exprime tudo num ai,
Que vai poisar tristemente
Em peito terno que sente.

Se a virgem de nossos sonhos
Nol-a separa um retiro ;
A saudade, a ausencia d'ella,
Só a traduz um suspiro,
Que rompe d'alma a gemer
E vem nos labios morrer.

Mas um beijo, um longo beijo,
Que amante virgem nos deu,
Origem não tem na terra,

Tem-na lá em cima no céu;
Que um beijo ardente d'amor
Não exprime acerba dor.

Tem mil encantos um beijo
Que mal traça a phantasia:
Qual endeixa apaixonada,
Vibra d'alma a poesia,
E mais cadente suspira
Que as brandas cordas da lyra.

Em doce, mago concêrto,
Tenues sons desprende a medo
Que, o ouvido roçando apenas,
Echoam n'alma em segredo
Mysteriosa canção,
Que só ouve o coração.

É como a brisa da tarde
Que a rosa vai afagar,
E tão suave susurra
Que só a pôde escutar
A linda e mimosa flor
Que lhe offerta o meigo odor.

Que não pôde um volver d'olhos,
Um ternô, um meigo sorriso?
Mas um beijo acorda n'alma
Delicias do paraizo,

Que jamais exp'rimentou
Quem nunca um beijo gozou.

Infantinho inda no berço,
(Que haverá de gozo ahí?)
Se a mãe um beijo lh'imprime
Volve o rostinho e soñri:—
É que encantos perecebeu
No beijo que a mãe lhe deu!

La no prado, quantas vezes!
Em calix de fresca rosa
A borboleta engolfada,
Como não se cré ditosa !.
Mas se vê outra adejar
Vai-lhe um beijinho roubar.

E dos bosqus o cantor,
A pomba, a meiga rolinha,
Não deixam la nos seus ninhos
A sua prole sosinha,
Levados só do desejo
De libar um terno beijo?

Pois se o ama o infantinho,
Tem-lhe a mariposa amer,
Se o ama a pomba, a rolinha,
E dos bosques o cantor,
Se o ama tudo o que sente

Que fará um'alma ardente ?

**E la vai tão longe,
E não me esqueceu
A noite que um anjo
Um beijo me deu.
Que noite tão bella
Que foi para mim !
Ja outra não torna
D'encantos assim.
Altiua nos ceus
A lua vagava,
Com seus raios tremulos
A onda brincava.
Do mar o ruido
Então nem se ouvia ;
Que o echo de fraco
Na praia morria.
E nem se agitava
O mudo arvoredo :
Se a brisa ara ali
Guardava segredo.
Sò la da ramagem
Que a terra assombrava,
Uma folha sécca
Caindo estalava.
Eu volvia os olhos
Cuidando ja vel-a
A ella—ao meu anjo,**

Mas não era ella!
E apoz um instante,
 Silencio, mudez...
Calado era tudo
 No prado outra vez...
Eis que mal distincto
 Um echo acordou,
De pe delicado
 Que a relva pisou.
E louco e confuso
 Correndo sem tino,
Pude ver-lhe os olhos,
 O rosto divino.
E la juncto d'ella
 Estatua fiquei;
Que senti no peito
 Dizer nem eu sei!
Eu quiz ás estrellas
 Pedir mais fulgor,
 Que da face linda
 Lhe eu visse o rubor;
Quiz muito dizer-lhe
 O amor que lh'eu tinha,
 Que olvidasse tudo
 Que fôsse só minha;
Em balde... que a voz
 Perdi, fiquei mudo;
Porém num só beijo
 Eu dice-lhe tudo.

Se não foi sonho que, um dia,
Eu pude gozar assim,
Nesses teus lábios, um beijo,
Que não devêra ter fim;
Foi ahí que eu aprendi
A dizer, inda que mal,
O que póde um beijo, oh virgem,
O que um terno beijo vale.

1851.

JULIO DA SILVA CARVALHO.

VI

O BOTÃO DE ROZA.

Se de espinhoso rosal
Foi ella quem te apanhou,
E por momentos contigo
O niveo seio enfeitou;

Se alli não desabrochaste,
Bem como em planta viçosa,
Abre agora com meus beijos,
Mimoso botão de rosa:

Vem, neste peito, onde pulsa
Um coração que é só d'ella,
Vem desfolhar-te e morrer,
Florinha innocente e bella.

1851.

MANOEL LUIZ VIANNA DE FREITAS.

VII

SAUDADES.

(A meu Pae)

AO PASSAR NA ALTURA DA MADEIRA

Que vejo?! terra ao longe, verdes plagas,
Ceu azul, brancas nuvens, densos montes!
Será este o meu berço, ó mansas vagas,
Que se retrata além nos horisontes?

Eis a patria, eis a ventura,
Eis o berço de candura
Aonde a infancia vivi;
Eis o meu éden de flores,
Eis o meu ninho d'amores,
Deixai-me morrer alli!

Tenho la sorrisos ledos,
Queixumes, beijos segredos...
Vôai, ó barca, voai!

Oh deixai-me, por piedade,
Ir matar esta saudade,
Que eu sou filho, esposo e pae.

Os infortunios passados,
Os suspiros mallogrados,
Quero a seus pés ir depôr;
De meu pae nas cans honradas,
Nas longas barbas nevadas
Um longo beijo d'amor.

Andei por terras ardentes,
Soffri angustias pungentes,
Não sei como não morri;
Lembrou-me a paterna estancia,
Lembrou-me os tempos da infancia,
Lembrou-me a patria—vivi!

E em paga d'esse martyrio
Só almejo com delirio
Vir morrer sob este ceu.
Onde dorme minha mãe
Eu quero dormir tambem
O somno do mausolêo.

Oh dai-me os prados relvosos,
Dai-me os cantos sonorosos
Dos vergeis da patria minha,
E as brancas noites de fadas,

E as mil estrellas cravadas
No seu manto de Rainha.

No affan do meu desejo
Se me afigura que vejo
Suas fontes de christal,
E d'entre as moitas floridas
La nas montanhas erguidas
Oíço o canto do Zagal.

Ai corre, barca ligeira,
Já vejo a terra fagucira,
Deixa-me ir la repouzar!
O exilio é tão distante...
Eu trago o peito offegante
De saudades de matar!

Mas oh Deus!... sorte cruel!...
Mudou de rumo o baixel,
Vai noutro bordo a vogar:
É condão do desterrado,
Viverem pranto banhado,
Como os penhascos do mar!

Quando a dor o peito esmaga,
Ao sentir que a esperança acaba
Quem sorri á dor, quem è?!?!
Ter a patria alli tão perto,

Ver a fonte no deserto
Sem podêr chegar-lhe ao pé!...

Adeus patria, adeus ventura,
Meigo berço de candura
Aonde infante vivi!
Leve-te a brisa este canto,
Minha saudade e meu pranto,
Ao passar junto de ti.

Ceu azul, brancas nuvens, verdes plagas
Onde o chão se alcatifa de mil flores,
Era allí o meu ninho, ó mansas vagas,
Era o ceo, a ventura, os meus amores.

1869.

LUIZ D'ORNELLAS PINTO Coelho.

VIII

O LAGO DO TROVADOR.

Serei poeta? talvez
Poeta o ceo me fadasse!
Talvez um nome pomposo
À minha aldeia legasse,
Se à voz dos cisnes do Tibre
O canto meu ensaiasse.

Mas ah! dos lacios cantores
Como entrar na accessa véa?!
Não lhes entendo a harmonia,
Que outros ouvidos recreia;
Só conheço os sons humildes
Da avena da minha aldeia.

Planta infeliz, não correu
Fecundo arroio a meu lado;
Nunca fui por nutridoras,

Meigas auras bafejado ;
Nociva sombra tornou-me
Arbusto inculto, acanhado.

Cá num cantinho da terra,
De pobre choça habitante,
Nem tenho heroes que incensar,
Nem tenho rios que cante ;
Mas tenho um lago formoso,
Que retrata o ceo brilhante.

Na fresca margem sentado
Canto-lhe as trovas que sei ;
È gôsto que, co'a má sina
De meus maiores, herdei ;
Attendei, que minhas são,
Se sou poeta dizei.

Aqui no meu lago
O ceu se revê,
Tornando-o saphira,
De prata que é.
Espelho fulgente
D'extrema belleza,
Ao vivo retrata
Toda a Natureza.
O sol dardejando
Perpendicular,
Tornou-o lentejoulas

No seu scintillar.
A lua, que passa
E n'elle se mira,
Em baixo no fundo
Parece que gira.
As magas estréllas
No ceo fulgurando,
Diamantes sem conto
Lhe estão engastando.
As penhas, que avultão.
Feias, escarpadas,
S'estendem nas aguas
De bronze tornadas.
Os ramos, pendentés
Da margem, viçosos,
Gigantes figuras
Lá estão boliçosos.
Perfumada aragem,
Que adeja ligeira,
Como a superficie
Lhe enruga fagueira!
E uma folhinha
Lá leva impellida...
E' imagem fatal
D'esta minha vida,
Que assim me levãrão
Mil doces enganós,
A bem dolorosos,
Cruéis desenganós!

Serei poeta ? talvez
Poeta o ceu me fadasse !
Talvez um nome pomposo
À minha aldea legasse,
Se à voz dos cisnes do Tibre
O canto meu ensaiasse.

1831.

JANUARIO JUSTINIANO DE NOBREGA.

IX

PORTUGAL

Esse reino que as ondas domava,
Que entre todos se erguia senhor;
Esse reino, que altivo encarava
Das procellas do mar o fragor;
Jaz por terra, gigante abatido,
De seus filhos a sorte a carpir;
Dai-lhe a esmola d'um peito sentido,
Talvez possa da campa surgir.

PALMEIRIM.

Portugal, ó Portugal,
Terra linda sem rival,
Patria de grandes heroes,
Que è feito dos teus valentes,
Das tuas crenças ingentes,
Dos brios de teus avós! ? . . .

Ao sol d'Ourique emballado
Foste, vet'rano soldado,
Da referta ao estertor.

Nascestes à sombra da espada.
Formidavel, respeitada,
D'Affonso o Conquistador,

Dom Diniz, cuja alta fama
Ainda Coimbra proclama,
Os olhos te desvendou;
Progrediste, foste ávante,
Mal da sciencia a luz brilhante
Lá no teu ceu despontou.

Mas as letras não murcharam
As crenças que te emballaram,
Nem teu valor extremado:
Attestem-no as gentilezas
Das phalanges portuguezas
Na batalha do Salado!

Atteste-o Aljubarrota,
Onde, em sangrenta derrota,
Curvou Castella a cerviz:
Diga-o de Nuno o montante,
Diga-o a lança possante
Do nobre mestre d'Aviz!

Mal a tormenta passára,
E Dom João te firmára
De novo a c'roa na fronte,
Logo se foi dilatando

Tua fama, e alargando
Do teu imperio o horizonte.

Nas torres da Lybia ardente,
Tremulou, sôbre o crescente,
O pavilhão portuguz;
E por ti bem rijo fallam,
Teus altos feitos propalam,
Ceuta, Arzila, Tanger, Fez !

Que naus são essas ousadas,
Que ondas, nunca arroteadas,
Desbravando affoitas vão ?
Que divisa, que bandeira
Levam na pôppa altaneira ?
Portugal, é o teu pendão !

Que p'rigos não arrostaram,
Quando esse cabo dobraram
Que das Tormentas se chama ? ! . . .
Mas vencem, que em tua c'roa
Já Melinde, e Diu, e Gôa
Engastára o nobre Gama.

Que prodigios de valor
Não virão, com viva dôr,
Da India adusta os sertões ?
Lá novos loiros ceifarão,

Da morte á lei se forraram
Castro, Albuquerque e Camões!

Camões!—*principe* dos vates,
Esse heroe de cem combates
Que na lyra te exaltou;
Esse genio transcendente
Que entre os plamares do oriente
Teu testamento lavrou!

Esse astro tão radioso,
Das patrias lettras, vaidoso,
No firmamento a fulgir!
Que lá no occaso da vida
Se atufou, quando partida
Te viu a c'roa em Kibir!

Á espada que tantas glorias
Te ganhára, de victorias
Já cansado se arrimou;
E envolveu-se na mortalha,
Que a ti, em negra batalha,
Um rei ousado talhou!...

Cabiste em somno profundo:
Por sessenta annos o mundo
Vivo mais não t'esp'rou ver!
Perdeste a c'roa e o sceptro;—

Eras apenas o espectro
De teu passado podêr!..

Porèm, um dia, acordando
E entre ferros te achando,
No rosto o pejo sentiste;
Ergueste o braço 'inda rijo,
E, nos plainos de Montijo,
As vis cadêas partiste.

Mas tal exforço fizeste,
Que, por muito, não podeste
Os lasso membros suster;
De novo te vio o mundo
Em um lethargo profundo
No ocio adormecer!..

Poisaste a fronte nos loiros,
Que em nobres luctas com moiros
Podeste outr'ora adquirir; —
Contente só em dizer:
—«Fui grande, tive podêr»—
Mas sem pensar no porvir!

Oh! quão diff'rente te vejo
Do que foste; e nem o pejo
Te vem a face tingir!
Então grande, hoje abatido,

Hoje fraco, então ardido,
Rico então, hoje a pedir ! . . .

Temido já foste outr'ora
Por uma nação, que agora
Te quer o sceptro empolgar ;
Lembráda d'Aljubarrota,
Maquina a tua derrota
Para essa nodoa lavar !

E tu inerte a contemplas !
Nem sequer p'ra longe tentas
Essa idéa repellir ;
E ouves o fero rugido
Do leão enfurecido,
Sem lá da campa surgir ! . . .

Portugal, ó Portugal,
Terra linda sem rival,
Patria de grandes heroes !
Que he feito dos teus valentes,
Das tuas crenças ingentes,
Dos brios de teus avós ? ! . . .



É tempo, nação, desperta
D'esse teu largo dormir ;
Toma o sceptro, e entre as outras
Vem o teu posto assumir !

Se, p'ra sustentar a c'roa,
Precisas de batalhar,
Corre ao campo enrasta a lança;
Que a victoria has de cantar.

Por cada judas covarde
Que te deseja vender,
Acharàs cem filhos nobres
Ao teu lado a combater!

Que hão de antepor á vergonha
De a rei extranho servir,
Co'as armas na mão, ó patria,
Por ti, na lucta cahir!...

O meu braço, a minha lyra,
Venho depor-te ora aos pès;
Que eu só tenho um só desejo:
Morrer livre e Portuguez!

1861.

LUIZ ALEXANDRE RIBEIRO DE MENDONÇA.

X

A GRINALDA.

*Nos annos da minha amiga
D. Maria José C. Rego.*

Candidas rosas tão puras
Em vossas galas singellas !
Vestes de branco velludo . . .
Frontes de jaspe tão bellas . . .

Ha pouco n'hastea, mimosas,
Tremieis, nevadas rosas,
Pombas que arrulham saudosas
Segredos do seu amar.

Agora pela amizade
Em linda grinalda unidas . . .
Roda de brancas donzellas
Todas de branco vestidas!

A candidez d'estas flores,
Encanto d'estes amores,
Estes tão lindos penhores
De ti só querem fallar.

È *pureza* o que ellas dizem
Em sua nevada côr!
E, nesta grinalda postas,
Dizer-te querem *amor!*

Como estas flores unidas,
Como estas rosas tecidas,
Almas de amigas queridas
As nossas hão de ficar.

1865.

D. LEOLINDA JARDIM VIEIRA.

XI

A UMA ESTRELLA.

Linda estrella, gentil feiticeira,
Alva rosa dos plainos do ceu,
É d'amor que scintillas fagueira?
È d'amor que assim tremes sem veu?

Sempre às noites te vejo formosa,
Sempre às noites suspiro por ti.
Se me occultas a face chorosa
No teu manto de negro setim.

Mas de novo brilhando na altura
Novos cantos me vens inspirar;
Nos teus raios d'infinda doçura
Que mysterios tu vens revellar!

Quando em noites fagueiras d'abril
Eu converso dos campos co'a flor,

Lá te vejo brilhando entre mil,
A dizer-me segredos d'amor.

Se nas vagas ruidosas do mar
Aventuro meu pobre batel,
Tu lá vais minha estrella sem par
A guiar-me no rumo fiel.

Na soidão do exilio amargosa
Pela patria me viste chorar
Quando a esp'rança do ceo carinhosa
Nem ao menos me vinha afagar.

No horisonte da vida apagada
Nunca eu chegue, formosa, a te ver;
Quando eu desça da campa á morada
Vem em fier sobre a campa viver.

Minha estrella, gentil, feiticeira.
Que sorris nos espaços sem veu,
Porque inspiras amor tão fagueira?
Porque tremes d'amor lá no ceu?!...

1867.

LUIZ D'ORNELLAS PINTO COELHO.

XII

O SOLDADO DO MINDELLO.

*Por ocasião das exequias
à morte da Senhora D. Maria II.*

Voluntario fiel do Mindello,
Porque assim a chorar magoado ?
Tão affeito às cruezas da guerra,
Porque assim a gemer desolado ?
Onde está d'outro tempo o valor ?
Onde os brios d'antigo soldado ?

A teus olhos sumiram-se os montes
Tão virentes da patria querida,
Quando d'ella te foste a immolar
Pela causa dos livres a vida :
E tal eras . . . que nem uma lagrima
Te rolou pela face incendiada

Numa hoste, sò grande, sò forte
Pelo symb'lo de sua bandeira

Tu, jurando vencer ou morrer,
Escolheste da frente a fileira :
E tal eras . . . que punhas por alvo
Sempre o peito á bala primeira.

Do Mindello nas praias imigas
Co'um punhado de bravos desceste,
Mal o grito d'ataque soára,
Contra a furia das balas correste :
E tal eras . . . que em campo cerrado, —
Fossem tres contra mil, — não tremeste.

Viste as lanças de irosas phalanges
Contra os peitos dos teus enristadas ;
Viste em lucta sangrenta cruzarem-se
Pelos ares cabeças cortadas :
E tal eras . . . que — «Avantel!» bradavas,
— «Sempre ávante, fieis camaradas!»

Dos mavorcios trovões ao ribombo
Viste a terra tremer, soluçar ;
Viste a morte romper dos canhões
A bramir, abater, assolar :
E la foste por cima dos mortos
O pendão bicolor arvorar.

Voluntario fiel do Mindello,
Porque assim a chorar magoado?
Tão affeito ás cruezas da guerra,

Porque assim a gemer desolado?
Onde está d'outro tempo o valor?
Onde os brios d'antigo soldado!

Pela concava terra ecoa a espaços
Rouco e triste o canhão ;
Os sinos dobrão, o soldado inclina
A arma para o chão.

Curvado ao peso de pungente mágoa
Jaz a filha de Zargo ;
Arranca-lhe afflicção d'alma
Longos ais, pranto amargo.

Mensagueiro de dor, prestito funebre,
Ahi se arrasta mudo ;
Arauto do poder, mal falla ás turbas,
È pedaços o escudo.

E as turbas chorão, qual outrora os filhos
Da misera Sião :
E pela bocca do arcabuz suspira
Consternado esquadrão.

Qual negra cobra, o prestito do Templo
Transpozera os umbraes ;
Ha dentro um mundo, mas ahi só reina
Dos tumulos a paz.

Tudo é luta e penar : cada semblante
Intensa dor traduz ;
Será que afflicta a egreja commemora
As angustias da cruz ?

Da nave em meio avulta—esmêro d'arte—
Mausoleu colossal ;
De pallidos brandões á luz scintila
Aurea c'roa real.

E qual out'ora sobre a arca undivaga
Co'o raminho a adejar,
Candida pomba, esvoaçando, aneia
Sobre a c'rc'a pousar.

Orar ! orar ! que o mesto *Dies irae*
O orgão começou.
Orar ! orar ! em fervorosa prece
Já tudo ajoelhou.

Nos paços de nossos reis
Travou-se lucha de dor ;
Nos ceus de Lysia apagou-se
De linda estrella o fulgor ;
A que o diadema cingira,
Ceifou-a a morte, inda em flor !

Martyr foi . . . Alheias terras
Como o proscripto vagou :

Orfan de mãe e de patria
De tamanhinha chorou ;
Muita vez agra saudade
Aquelle rosto crestou !

Martyr foi . . . Mal entre os livres
Tem meigo sceptro empunhado,
Perde o pae, que perde a vida
Por haver-lh'o restaurado.
È triste viuva, apenas
A tem Hymeneo c'roadado !

Martyr foi . . . Do pae as ciuzas,
Profanou-lh'as mão impia ;
Mão talvez desalgemada
Pelo heroe que offendia ;
Treda mão, mais insensivel
Que a lousa marmorea e fria!

Martyr foi . . . Fiel sacrario
De um penhor que o pae deixou,
Vendaval impetuoso
Até lh'o trono abalou ;
Mas ao vento das facções
Nunca tal penhor lançou !

Martyr foi . . . A régia c'roa,
Tinha espinhos que a feriram ;
Fratricidas, impias luctas
Sempre seus olhos carpiram ;

Paixões vis que tudo immolam,
Muito n'alma lhe pungiram!

Martyr foi...Roza d'amor,
Castos amores gosou;
Mas esse amor, esse gôso,
Que áquella rosa enlevou,
Foi-lhe fatal: entre goivos
—Coitadinha!—a desfolhou!

Martyr foi...A hora extrema
Que hora lhe foi de amargor!...
Filhinhos, pedaços d'alma,
Lembrar-se d'elles...que dor!
Do terno esposo lembrar-se...
Lembrar-se de tanto amor...

Martyr foi...Flor de um só dia,
; Ao pôr do sol definhou;
Planta açoitada dos ventos,
Pendeu co'o fructo, e seccou;
Astro viageiro em céu negro,
Luziu apenas...passou!

Martyr foi...Oh nem eu sei
Os martyrios que soffreu!
Sôbre as tellas de rainha
Muita lagrima correu:
Martyr foi: mas o martyrio
Foi-lhe escada para o céu!

Voluntario fiel do Mindello,
Ergue a fronte que tens abatida.
Olha ao ceo...acolá quanto é doce
Repousar do pungir d'esta vida!
Olha ao ceo...acolá entre os anjos
Folga a tua rainha querida.

Tu lhe deste co'a espada valente
Viuvo sceptro, perdido poder,
Mas o sceptro real que lhe deste
Foi-lhe amargo, penoso soffrer;
E no ceo...acolá não ha penas,
Ha só goso, inefavel prazer.

Ella orando lá está.—Não a vês
Juncto áquelle com quem batalhaste?
A Deus pede que o filho mantenha,
Voluntario, o que tu restauraste;
E que livre, qual é, campeie sempre
A bandeira que tu arvoraste.

Voluntario fiel do Mindello,
Ergue a fronte que tens abatida;
Cesse o pranto que as faces te inunda,
Cala a dor nesse peito opprimida.
Olha ao ceo...acolá entre os anjos
Folga a tua Rainha querida.

1854.

JANUARIO JUSTINIANO DE NOBREGA.

XIII

A MEMORIA DE MEU TIO.

Mansão da soledade! humida terra
Domicilio de horror sagrado e triste!
Sublime escolho onde vão quebrar-se
D'internas tempestades loucas vagas,
Onde terminam luctas tormentosas
De funestas paixões, que n'alma vivem!
Abre-me o seio teu! oh! não m'o negues!
Abre-me o seio teu, que nelle busco
Saudoso objecto, que me foi tão grato!
Que na minha existencia afagar soube,
Com meigo acolhimento, acerbos dores!

Ai!...dores, sim: que dos avessos fados
Só dores tem colhido a minha vida.
Agudo espinho de tenaz saudade
Me rasga o peito, de soffrer cansado!
Abre-me o seio, ó terra que me escondes
O terro vulto do extincto amigo

O irmão virtuoso d'uma mãe querida
Que inda no berço me ha roubado a morte!
D'elle a ternura, com leal desvélo,
Substituir soube á minha infancia orfan
Brando pulsar do coração materno.

Mostra á minha saudade dolorosa
Aquella fronte cara onde brilhavam
Tantas virtudes, que meus olhos liam:
Virtudes que talvez apressurassem
O correr de teus dias preciosos...
Ignoradas, porém, dos que não sentem
O magestoso arder do fogo d'ellas,

Flores, na pedra humilde que te some,
Chover quizera meu leal carinho;
Mas nem flores colher sabe a amargura!
Tristes suspiros d'insondaveis máguas,
Dão neste campo aragem preciosa.
Suor do coração que os olhos queima
Em grossas bagas chova neste quadro
Triste, saudoso, que m'ó representa;
Extinga-se, em regal-a, a fonte pura
De lagrimas saudosas!! Oh! dos tenros
Filhinhos, que adoraste, não te orvalha
O innocente pranto...que distantes
Da terra que te guarda, vivem tristes,
Orfãosinhos do pai mais extremoso!
Mas da ardente ternura que lhes deste

Vivo incentivo ha de accender um dia
Nelles, do amante pae, gratas virtudes.

La do seio do Eterno onde repoisas—
Onde anhelou seguir-te a filha tua,
Quando, em teu seio gelido inclinada,
No triste esforço d'um adeus eterno
Abraçava contigo a dor mais funda.
Dor, por ventura injusta, que sonhava
Roubar-te á patria do prazer seguro...
La onde ouviste ja soluços tristes
Dos que na terra amavas e deixaste—
Escuta os prantos de fiel saudade,
Puros tributos d'um amor sem mancha,
Do amor filial que m'inspiraste.

1848.

D. MARIA DA COSTA PEREIRA.

XIV

A EL-REI O SR. D. PEDRO V.

De Deus no throno, já-te uniste áquelles
A quem do peito tributaste amor ;
Na terra ingrata só soffreste angustias,
Acerbas máguas e pungente dor.

A mãe que soube, como poucas, sel-o,
Sem dó roubou-t'a a famulenta morte ;
Choraste a falta que ninguem supprira...
Provaste cedo do rigor da sorte.

Depois amaste...mulher não...foi anjo
A quem no templo do Senhor te uniste;
Mas ai ! seus olhos, que formosos foram,
Tambem cerrados para sempre os viste.

Corre-te o pranto sem matar saudades.
Que só no gêlo do sepulchro expiram ;

Mas não succumbes; que outra vida aguardas
Onde ha prazeres p'ra os que dor sentiram.

Teu povo afflige assoladora peste ;
Inda mancebo, foste pae zeloso:
O enfermo buscas que se volve em palhas,
E a dextra augusta tu lh'a dàs bondoso!

E la de Hespanha quando a baixa inveja
Sedentos olhos para nós volvia,
Leal o povo «Liberdade ou morte!»
Em ti fiado, com fervor dizia.

Oh! o voto escuta da briosa gente,
E a Deus implora, na celeste côrte,
Conserve livre ésta nação de heroes,
Senão... não prive nem a um da morte.

Rei que empunhaste do martyrio a palma
Depós um sceptro que não tem labeu ;
Envolta em lucto ésta nação fiel
Por ti envia orações ao ceu.

1861.

ALFREDO CESAR D'OLIVEIRA.

XV

IMITAÇÃO

—*D'um Lied d'Uhland.*— (1)

—Minha mãe, que sons tão doces!...
Oh! que noite de luar!...
Escuta bem—tu não ouves?
Que tão estranho cantar?

—Socega, filha, socega :
Pobre doente, coitada !
A tal hora ninguem canta.
Dorme, dorme socegada.

—Minha mãe, eu tenho frio :
Olha, sentes ?'stou gelada.
Mãos e pés, já nem os sinto...
—Dorme, dorme socegada.

—Dormir; pois sim, no teu seio,
Chega-te bem para mim,

Aperta-me entre os teus braços.
É tão bom dormir assim.

—Que tens, filha, que sentiste?
Que estás tu a qu'rer ouvir?
Porque me apertas tão forte?
Tens medo, não quer's dormir?

—Este som... não é da terra:
Ésta voz... vem lá dos ceus.
Minha mãe, só mais um beijo;
Chamam-me os anjos, adeus.

E a fronte cahiu sem fôrças no leito,
Da morte involvida no pallido veu;
Tremeu-lhe entre os labios convulso um sorriso
E foi para os anjos que a esp'ravam no ceo.

1851.

DR. ANTONIO ALVES DA SILVA.

XVI

A EL-REI O SR. D. LUIZ I

no anniversario natalicio de

Sua Magestade.

Ainda ha pouco pullularam lagrimas;
O povo viu da desgraça o cumulo:
Um rei modelo de virtudes civicas
Descêra, joven, á mudez do tumulo.

E la na campa não finou, tyranica,
O amor que o anjo conquistou sympathico;
Por Ti, oh Rei, nos corações magnanimos
Renasce o affecto, cordial, emphatico.

Sulcaste o dorso do Oceano tumido
Em lenho fragil, de perigos avido;
Das turvas ondas da lethal politica
Nos salve agora, Palinuro impavido!

Tu es estrella que fulgura, vivida,
Dos portuguezes la no solio regio ;
Es o santelmo, es a luz poetica
De nós querida, Soberano egregio.

Espera o povo que será aurifero
O teu reinado de tão bello auspicio ;
E os portuguezes, com fervor petriotico,
Saudámos, ledos, o teu natalicio.

1863.

ALÍPIO AUGUSTO FERREIRA.

XVII

À MEMORIA DE MINHA MÃE.

Memoire aimè de ma mère jè te donne
Mon cœur et mes larmes de regret.

Rolae por minhas faces, grossas bagas,
Neste dia à *saudade* consagrado!
Sim, que nunca seu ferro agudo, asperrimo,
Me cravou tanto o peito.

Ó auras suavissimas dos tumulos,
Trazei-me ao coração restos do nada
Que è hoje, e me foi ja suave vida!
Que as f'ridas da saudade podem cinzas
Ser-lhe balsamo, e gôzo, e vida grata!

Cinzas maternas! que efficaz remedio
Á profunda tristeza que me opprime!
Oh se eu podesse em osculo saudoso
Sorver vestigios d'ellas e sentil-as

Palpar-me o coração gelado vivo,
Do sombrio viver que a custo arrasto
Sentira leve e menos duro o pêso.

Como é doce ésta ideia ! eu sinto agora
Coar-me as veias do prazer a esp'rança,
Não sei que doce, que tranquillo gôso !
Oh, tu vives no Ceu, alma formosa !
De la me escutas e a mão me extends,
Quero beijar-t'a, dá-me a benção tua!
De joelhos a espero, dá-m'a e eis findo
Meu intimo soffrer! doirar consente
O resto de meus dias merencorios !

.....

1849.

D. LUIZA MARIA PEREIRA.

XVIII

A MINHA IRMÃ.

I

Da natureza fecunda
Na primavera gentil,
Quando do seio do Eterno
Chovem thesouros, a mil,

E o gremio da terra exhala
Perfumes gratos nas flores,
Tudo é esperança e ventura,
E tudo respira amores,

Da tua existencia o dia
Primeiro a luz conheceu;
As impressões d'esta quadra
Tu'alma todas bebeu.

II

Hymnos ! . . . hymnos teus annos me pedem !

No meu seio a amizade os contém ;
Mas a lyra, instrumento de máguas,
Para o gôso ja fôrças não tem.

Hymnos! . . . hymnos talvez maguassem
De teu peito a ferida ternura ;
Do pesar ouve os sons que conheces,
Co'a amargura se justa a amargura.

Para erguer os punhaes de teu seio,
O meu seio não deixam curvar
Os que o meu cruelmente laceram ;
Só me resta contigo chorar !

Tuas dores são minhas e tuas ;
Meus pesares, sombrios, são teus ;
Do martyrio a c'roa e a palma
Para nós guarda o seio de Deus.

1862.

D. MARIA DA COSTA PEREIRA.

XIX

EPISTOLA

*À fortaleza do Ilheo
À cerca de suas salvas.*

Sou credor do estado, o qual
Faltando-me c'os meus reaes,
Dá-me jus a fazer glosas
Nos desperdicios que faz.

E como do meu devido
Sejas uma sanguesuga,
Minha logica censura
Hoje, *Ilheo*, escuta e enxuga.

Fallemos claro, meu velho :
Cada tiro que tu dás,
Dera pão a muitos pobres,
A dez, vinte, e ainda a mais.

Portugal, a quem parece
Que engeitára o proprio céu,

Nem sequer p'ra cortezias
Deve ter fôfo chapéo.

Quem é grato ás tuas salvas?
Ninguem. A nau, a corveta
Choram o custo das buxas
De seus tiros de etiqueta.

Cada qual para ti olha,
Colossal como se julga,
Como uma aguia pr'a o grillo,
Como o leão para a pulga.

Confessemos nossa inopia:
Tu és muito ratãozinho;
Teus obuzes são pygmeus,
Teu estrondo é roucosinho.

Quando a França, Albião, a America
Te salvam com seus trovões,
Fazendo tremer no Atlantico
Amphitrite, e seus tritões ;

Tu respondes, coitadito !
Com muitissimo respeito,
Mas tuas peças parecem
Padeçêr dores do peito.

De bofe e folego fracos,

Teus canhões tocem ás vezes
Como tocem pelas ruas
Nossos tísicos inglezes.

E la do seu bordo, pensam
Esses sequazes de Marte
Que teus tiros sahem da bocca
De canos de bacamarte.

Faz um crime a nação forte
Que, ancorando como amiga,
A queimar a tua polvora
Cortezmente hoje te obriga.

Ah! por isso o *German-Town*
(Deus ao fraco desaggrava)
Quasi que na *Meia legoa*
Ha dias se esborralhava.

Foi p'ra vòs, campeões undivagos,
Esse aviso uma licção:
De vossas salvas futuras
As rochas me vingarão.

Ora basta de medidas,
Nem sequer mais uma vez.
A pobreza em toda a parte
Dispensa de ser cortez.

Se algum vaso te saudar,
Russo, inglez, francez, hispano,
Iça no pão da bandeira
Este franco desengano :

«As finanças lusitanas
Mais que nunca andam mesquinhas;
Não ha polv'ra e nossas peças...
Não as temos, coitadinhas!

«Do Funchal, que ellas honravam,
Ja se foram, 'stão la fóra,
Ao credor lord Wellington
Foram dadas à penhora.

«Em paga de toda a salva
Com que a Ilha for brindada,
Só podêmos, bons alliados,
Offrecer-vos a pitada.

«P'ra melhor vos hospedarem,
Nossas almas desveladas
Teem na Praça da Rainha
Periodicas gaitadas.

«De falerno temos pipas,
De bananas temos cachos,
E ramos de freiras, feitos
Com pennas de patos machos.

«E depois vogando alegres
Por esses máres além,
Na gloria do Deus Neptuno
Passae por la muito bem.

«Em quanto eu depondo as armas,
Maritimo Cincinnato,
Em cata de caranguejos
Minhas faldas esg'ravato.

«E ja de velho pendendo
P'ra os gostos das criancinhas,
Vou, telegrapho pueril,
Brincando com bandeirinhas.»

D'esta franca confissão,
Traçada em lettras de giz,
Veràs nesses estrangeiros
Um effeito mui feliz.

Vêl-os-has correr de bordo,
Cheios de philantropia,
A dar-nos, quasi chorando,
Mil *shake-hands* de sympathia.

Mas se teimas em dar tiros,
Borque queres ser marcial,
Eu concedo-t'ó, sim, mas...
Faze com que Portugal,

Com a polv'ra que te enviar
Para esses brindesinhos,
Me faça tambem remessa
Dos devidos cruzadinhos.

1852.

JOSE ANTONIO M. TEIXEIRA.

XX

RECORDAÇÃO.

Ciell que me reste-t'il d'un etat si charmant?
Un souvenir affreux qui fait tout mon tourment.

HELOISE.

Vós brilhantes engastados
Nessa infinita saphira,
Magas estrellas luzentes,
Vinde ouvir a minha lyra.

Correi, correi mansamente,
Doces aguas do Mondego,
Escutai tristes queixumes
Do meu penar sem socêgo.

Não agites os salgueiros,
Aza importuna do vento,
Deixa echoar pela margem
A canção do meu tormento.

E tu, ó brisa das noites,
Borrifa com teu frescor

Minha fronte abraçada
Pelos requintes da dor.

Do cabelo escuras tranças
Pelos hombros lh'ondeavam,
E no pulido alabastro
Travêssas se deslisavam.

Pensativos, quaes da lua
Na floresta os raios bellos,
Fulgão d'entre as pestanas
Os olhos côr dos cabellos.

Suave aroma, que exhala
Da bocca rosea, que esconde
Os dentes de puro esmalte,
Virá d'alma, ou donde, donde?

Esse aroma que embriaga,
Que embevece os meus sentidos,
Oh! quem podèra sorvê-lo
Naquelles labios queridos.

Os dois pombinhos de neve,
Origem dos meus tormentos,
No seio d'ella namoram
Lascivos dedos sedentos.

E eu amei-lhe as negras tranças,
Amei-lhe o seio de neve,
Amei-lhe os languidos olhos,
Amei-lhe a bocca tão breve ;

Amei-lhe os doces requebros,
Palavras, pranto, sorriso,
Era a vida d'esta vida,
De minh'alma o paraíso.

E tudo sonho, mentira,
E tudo, tudo illusão,
Tudo engano lisongeiro
D'inexperto coração.

Deslisai por minhas faces,
Lágrimas de desp'rança,
Corre, corre, pranto amargo,
Talvez me tragas bonança.

LUIZ DA COSTA PEREIRA.

XXI

A RESOLUÇÃO.

EM UM ALBUM.

**Não posso!... Não devo vel-a,
Porque sinto
Eu não minto
Que poderia perdê-la.**

**Meu amor bem descuidado
Que tem sido
Perseguido
Neste mundo condenado.**

**E ella pobre innocente,
Sem parar,
A matar
Quem por ella tanto sente!**

**Saberá? Não sabe não;
Innocente**

Nada sente
Por mim, em seu coração.

Nem devêra anjo formoso
Para amar
Escutar
Meu amor tão criminoso.

Deixal-a o mundo gozar,
Sem perder,
Sem saber
O que tem no mundo a 'sperar.

Deixal-a livre correr,
Meu amor
Linda flor
Que não me atrevo á colher.

Deixal-a, não quero vel-a
Porque sinto
Eu não minto
Que poderia perdela,

1850.

Augusto Carlos Escorçio.

XXII

RECORDAÇÃO.

Era de noute. Mil estrellas pallidas,
Brilhando a medo no azul do ceu,
Somente viram esses beijos férvidos
Que a virgem bella no jardim me, deu.

Ai! quantas vezes com meu braço trêmulo,
O corpo airoso bem ao meu cingi...
E tanto...e tanto, que seu peito rapido
Pulsar com força juncto ao meu senti.

A'fronte bella contemplava estatico
Sôbre o meu peito recostada então,
E num suspiro que assomava aos labios
Eu li segredos que recordo em vão.

A mão...que linda! como o jasmim candida,
Em abandano me deixou prender:
Mais louco ainda, sôbre o collo niveo,
Busquei as fezes de maior prazer.

Talvez ness'hora fôra eu sacrilego
Por ter-lhe ao seio descoberto o veu,
Mas nos seus olhos, de ventura languidos,
Achei mil gozos para encanto meu.

E leve sombra arroxeara as palpebras
Que mais ás faces branqueava a cor,
E os olhos negros se tornavão madidos
E logo ardentes do mais vivo amor.

.
.
.
.

Ai! foram tempos que passaram rapidos,
De que me restam as saudades só!
Mas essas ficção, 'tè que a morte lívida
Venha meu corpo reduzir a po!

1862.

MAURICIO CARLOS DE CASTELBRANCO Manoel.

XXIII

APELLIDO DE ZARGO.

Crescerá mais a fidalguia que come-
ça em obras proprias, para os seus des-
cendentes, do que a que só se jacta da
dos ascendentes, já alheas.

CORDEIRO — HISTORIA INSULANA

Juncto ás tranqueiras de Tanger
Gritam centos d'infieis,
Feros imigos da Cruz,
Rebeldes de Christo ás leis;
Acodem lusos soldados,
Á lei de Christo fieis.

Gigante moiro a cavallo
Dos seus á frente sahiu,
E diz, enristando a lança,
Que tantos mil já feriu :
—Nazarenos! raça vill!
Um por um vos desafio.

—Capitão! d'aquelle moiro

Quero a audacia castigar;
Cobardia o desafio
Fôra em mim não aceitar—
Diz ao chefe um nazareno,
Já no ginete a montar.

Trava-se crua peleja
Entre os dois—moiro e christão—
O moiro ao christão encrava
A lança no coração,
Em borbotões salta o sangue,
Cabe morto o bravo no chão!

—Aquelle perro infiel
Matal-o já, ou morrer;
Perder a vida ou no peito
Lhe a espada inteira embeber!
Outro nazareno brada
Já para o moiro a correr.

Trava-se novo combate
Feroz, cruel, carniceiro,
O moiro é mais arrojado,
Muito mais destro guerreiro:
O segundo nazareno
Cabe morto como o primeiro!

Mas entre christão e moiro
Já outros golpes se dão;

Se aquelle parece um tigre,
Este inda é mais que um leão:
Como os dois que o precederam,
Morre terceiro christão!

—Ao moiro infame eu agora,
Eu,—grita infante soldado—
—Ninguem agora!—lhe brada
O Capitão contristado;—
Já trez por terra...!! um vil moiro...!!
Estou como allucinado!

—Capitão!—prosegue o moço,—
Não tenho nome, nem fama,
Obscuro soldado sou,
Meu valor ninguem acclama,
Que perdes se o infiel
Meu sangue tambem derrama?!

—Jovenl é de máu agoiro,
De mau agoiro este dia;
Mortos são já tres guerreiros
De provada valentia,
Dar ao moiro um prazer mais...!!
Na verdade, isto injuria!—

—Capitão! dicestes bem,
È dia de máu agoiro;
Mas não é deshonra, não,

Cahir morto aos pés d'um moiro;
É deshonra fraquear,
Ser cobarde é que é desdoiro!—

O Capitão immudece;
O joven já tem partido;
Em menos de um credo volta
No seu ginete garrido,
Trazendo pelos cabellos
Captivo o moiro e ferido!

Soam entre os nazarenos
Atabales de alegria;
Nos arrayaes dos christãos
O folguedo principia;
Esgotão-se immensos copos
À victoria d'este dia.

Dom Henrique, nobre infante,
Cavalleiro o moço armou;
Chamava-se *Zargo* o moiro
Que o mancebo captivou,
Zargo tambem desde então
Este bravo se chamou. (2)

E foi quem quebrou o encanto
À minha patria querida;

Quem deu co'a per'la dos mares,
Esta terra tão florida;
Quem descobriu a Madeira,
Vergel de aroma e de vida.

1850.

JANUARIO JUSTINIANO DE NOBREGA.

XXI

○ MAR.

À Ex.^{ma} SNR.^a D. MATHILDE DE SANCT'ANNA
MONIZ DE BETENCOURT

HOJE

Viscondessa das Nogueiras.

I

What more changefull than the sea?
But over his great tides
Fidelity presides.

WORDSWORTH.

Eu amo o MAR ás horas socegadas
da manhan, quando a aragem sonora
levanta as ondas em frementes beijos,—
concerto mavioso,—que dilata
a mente e que se expande livre, harmonico,
ante os meigos suspiros da alvorada.
O ar então mais puro, e doce a brisa,
em constante exultar de affectos castos,
á lembrança me trazem mil saudades,
recordações, memorias e venturas.

É quem não sentirá de dentro d'alma
o magico prazer, suave allivio,
que vem da natureza, e que, em mil sonhos
doirados, nos abrange a vida toda?
Oh! como eu amo o mar, eterna formula
de esperança e saudade, amor e vida!

Que importa que entre sustos palpitando
o coração nas ondas se confunda?
Não são ellas amor para quem soffre,
abrindo novo calice onde o orvalho
do ceu, em cada gotta que descende,
symbolisa eternal omnipotencia?

Alevanta-se o sol por entre franjas
de oiro e purpura, trémulo de effluvios
do ceu. E ainda timido deslumbra
em torrentes de luz, que nos dão vida.
E a aragem vespertina eleva os canticos
dos máres ás alturas das espheras.
E as vagas gemem quando a Deus adoram
entre as iras do vento, que se move
tempestuoso nas cavernas frias
que o vulcão açacala temolento.

II

Vede o nauta na fragil barquinha
como galga das ondas a juba;
como entoa das furias na tuba

duros cantos por entre escarceus.
Sopra o vento na vela partida,
no cordame sibila a rajada;
bebe as vagas a barca arrojada,
mas altiva as despede até os ceus.

E são rolos de incenso as espumas
que ligeiras perpassam nos ares;
e das aves os sons singulares
nas alturas se vão esconder.
E entre os musgos que veem do abysmo
e se estendem ao longo das aguas
ai! do nauta se envolvem as maguas
num suspiro d'eterno gemer!

III

Oh! como eu amo o mar, eterna formula
de esperança e saudade, amor e vida!

IV

Vem alta a noite,
do vento o açoite
golpeia o ar:
crescem as vagas
que pelas fragas
se vão quebrar.

Nem ja socêgo

se vê no pego—
ira e furor.
Tudo é medonho
como num sonho
fero estertor.

As vagas correm,
cançadas morrem
nos alcantis.
Cruzam os ares
por sôbre os mares
rubros fuzis.

Quem as estrellas
no ceu vê bellas ?
Nem uma só !
E, nimbo denso,
o espaço immenso
é lucto e dó.

— «A vela amaina!
«Remos aflaina! . .
«e Deus nos guie!
«È o mar immenso
«biblia em que penso
«dês que nasci.»

Fitando a vaga
que além na fraga
se espedaçou,

tal o piloto,
aspero, afouto,
rude bradou.

Os quatro ventos
de violentos
fendem os ceus.
Fero sarcasmo
sorri com pasmo
entre escarceus.

A raiva infrene
é ja perenne
pela amplidão ;
todo o universo
se ve immerso
em confusão.

Ao longe a aurora
devêra agora
no ceu luzir . . .
E tantas gemas,—
que diademas!—
a succumbir . . !

V

Num iris de esperança a manhan desce
ao longe, muito ao longe, sôbre o mar,—
quando um raio do sol vem dissipar
a cançada tormenta que decresce ;

quando a manhan risonhã desvanece
medos e furias; e nem ja silvar
o raio se ouve, que nos faz pasmar,
e com luz tetrica o orbe empallidece.

Irrompe a natureza alegre canto;
em côro o nauta eleva até o Eterno
hosanna triumphal, edylio sancto.

E da alvorada no sorrir materno,
que vem dos páramos do espaço em pranto,
de lagrymas de amor se alaga o inferno.

VI

E as ondas tumidas
harpas sonoras
agora são ;
a coma fulvida
sacode ao longe
fero leão.

Notas harmonicas
baixam singellas
do plumbeo ceu;
desce diaphano
pelo ambiente
brilhante veu.

As brisas celeres
o joco, o riso,

trazem ao dia;
doce volupia
resalta alegre
na maresia.

Brando murmuriô
enlévo é d'alma
do mar á flor;
do fundo bárathro
o rijo nauta
não teme o horror.

Horas propicias
o dia ostenta,—
fallas d'amor.
Soberbo imperio
o mar só fôra
no seu furor.

As ondas lubricas
andam brincando
mâres além.
Nas suas amphoras,
alegres, soltas,
pullam tambem.

A penha tacita
as ôcas fendas
não faz ouvir;

a onda ingenua
em terno às algas
anda a sorrir.

A vaga fêrvida
na lucta involta
vai a morrer.
Ideal cupula
o negro manto
deixa correr.

Roupas ceruleas
a lymphá traja
pelo cristal;
as graças prodigas
são-lhe primores,
são-lhe ideal.

Brumas phantasticas
de vagas fórmás
vede-as além.
São magos symbolos,
encantos d'alma,
que o ceu contém.

A felpa flascida
de entôrno às ribas
'stá-se a mover;
gôso prolífico

que vence a brisa,—
almo prazer!

VII

Desce em fim do mar alto a fadigosa barca
apoz longó lutar,
e na costa se arrima onde procura amparo
p'ra nella se abrigar.

Voa a aragem da terra, embalsamada e fresca
em grinalda de olor:
subtilíssimo aroma! urnas tão christalinas!
suavidade, amor!

Granítico penhasco, asperíssimo e bronco,
qual natureza o fez,
sobranceiro se erguã além por sôbre as aguas,
da costa entre a rudez.

Ali se acoita o nauta á titanica ameaça,
entre delicias mil,
Correm as povoações a vel-o jubilosas,—
singelesa infantil!

Risonho pensamento esvai-se-lhe da mente
dos ceus pela amplidão,
quando os olhos alonga ao pelago insondavel
silencioso tritão.

VIII

Debruçada na costa saudosa,
das areias tingidas na alfombra,
pobre barca das penhas á sombra
'hi repouisa da lide afanosa.

Entre as conchas de luz curuscante
que irradiam no raso da praia,
pelas calmas da sesta desmaia
flor pendida do sol deslumbrante.

E sem vida não sente dos mares
um carinho, sequer um sorriso!
Cada aroma tem seu paraíso...
tem a plaga seus dons singulares.

Ali poisam as aves cançadas,
ali poisam reliquias perdidas,
ali poisam as algas vencidas,
ali poisam medonhas ossadas.

Ali poisam segredos, anseios,
ali poisam amores trahidos,
ali poisam ciumes doridos,
ali poisam rasgados mil setos.

Ali poisam profundas tristezas,
quando o amigo p'ra longe se ausenta,

quando o amante no peito acalenta
seus affectos, volupias, finezas.

Ali poisam infindos amores,
que voejam nas auras esquivas ;
ali poisam à luz redivivas
esperanças . . . num ceu de mil côres.

IX

Quem sabe o que era o nauta? Ser austero,
só e triste na paz de estreita barca,—
que canta os ceus num hymno, no mais fero
da procella; e co'a vista o mundo abarca,

que ve na vida um culto e no horizonte
cortina do mysterio que o enleva.
Ao empyrio levanta alegre a fronte
onde cada saphira a Deus o eleva.

E ve na terra andar em pobre bando
o bem e o mal em lobrega alliança.
E ve o torvelino caminhando
com riso mofador, atroz esp'rança.

E ve em cada homem um athleta,
amphitrião terrivel, furibundo ;
e ve em cada ser um triste asceta
que deseja viver só no seu mundo.

Num poema d'amor o ceu respira ;
e, na voz maviosa da consciencia,
proclama seus oraculos na lyra
o ser moral dos visos da sciencia.

Sabeis o que era o nauta:—ser austero,
só e triste, na paz de estreita barca,—
que canta os ceus num hymno, no mais fero
da procella, e co'a vista o mundo abarca.

1866.

JOÃO DE NOBREGA SOARES.

XXII

○ CRISTÃO NO CIRCO DE ROMA

Dolorem et tribulationem inveni,
et nomen Domini invocavi.

Job.

Folgae oh grandes da terra!
D'esse fel que o mundo encerra
Não bebeis um trago só?! . . .
Folgae, é vossa a riqueza,
Calcae aos pés a pobreza,
Manchae-lhe a fronte no pó!

Que vos importa um gemido,
Para vós, vago zumbido
De verme que roja o chão?
Uma lagryma sentida,
Gotta no mundo perdida,
Não vos inquiete em vão!

Desprezae a voz da fome,
Echo que o vento consome
E não perturba o festim!
Se anhelais candidas rosas . . .

Sugae as flores mimosas,
Cuspi-lhes deshonra assim!...

Tambem tu, povo maldicto,
Abafa da morte o grito
Com gargalhada infernal!
Se vos apraz só ver tincto
Com meu sangue este recinto,
Folgareis, povo brutal!

Folgareis, porque ésta vida,
De robusta fé munida,
Se vai desprender aqui!
Não temo fauces de fera,
Que só no meu peito impera
Chamma que nelle accendi.

O fogo que me devora
É crime que nesta hora
Me condemna como réo!
Que m'importa pois vingança,
Se a eterna, rica herança,
Heide eu encontrar no céu!

Neste pelago profundo,
Chaos a que chamam mundo,
Não conheci senão dor!
Abracei a crença pura;
Reneguei fallaz ventura,
Pela fé do Redemptor

Christão sou! Erguendo a *fronte*,
Como o cedro lá no monte,
Escarneço do tufão!
Não me derruba o *martyrio*,
Como á bonina e ao lyrio
Dobra o vento para o chão!

Quero a taça da amargura
Sustentar com mão segura,
Esgotal-a sem tremer!
Sem tremer! porque o meu Deus,
Resgatando os filhos seus,
Ensinou-me a bem morrer.

Entre tormentos ferinos,
«Perdão para os assassinos»
Balbuciava Jesus!
E a *fronte* lhe pendia,
E o sangue lhe corria
Pelo madeiro da cruz!

Era a voz da Divindade,
Murmurando *charidade*
No derradeiro ancian!
Foi um exemplo eterno
De sublime amor fraterno
Que se não deve olvidar...

Escuta, Senhor, a prece,

Que do peito s'esvaece,
Como o perfume da flor.
Ouve um voto derradeiro:
«Perdoa o erro grosseiro,
Dá luz ao pagão, Senhor!»

1862.

AFFONSO D'ALMEIDA FERNANDES.

XXIII

NO PICO RUIVO.

I

Salve! salve! penhasco alteroso,
Salve! monte de nuvens c'roado,
Que contemplos ufano, orgulhoso,
Fundo abysmo nas penhas cortado!

Qual madeixa, que a fronte rugosa,
Rara cinge d'altivo ancião,
Fresca rama te cerca viçosa,
De urze adusta que afronta o tufão,

D'este cimo, que se ergue gigante,
Como apraz longas vistas lançar!
Ver os raios do sol deslumbrante,
Ao surgirem, as aguas doirar!

Branca nuvem, qual froco de prata,
Ver librar-se na espalda do monte;
E o Oceano, que um circ'lo retrata
Vir a terra abraçar no horizonte.

Sobranceiro ás selvas e prados,
Sobranceiro ás cristas erguidas,
Aos penhascos p'ra os ceus eriçados,
Ás encostas de fétos vestidas.

Como a alma se sente abrasada,
Como se ergue o altivo pensar,
Abraçando co'a vista enlevada,
Ceus, ribeiras, collinas, e mar!

II

Quem aos tempos volvéra, que a data,
Só podéra a conchinha dizer,
Que ésta penha no seio recata;
Quem podéra a esses tempos volver!?

E da terra por Deus abalada,
Ver em chammas rompendo-se o chãõ;
E torrentes de lava inflammada
Vomitando medonho volcão!?

E gigantes os cedros da serra,
Açoitados das vagas do mar;
E o penhasco do fundo da terra
Ir o pincar erguido c'roar!?

E estrugindo, do valle frondente
Ver o solo p'ra os ceus arrojado;

E no abalo fatal, de repente
Ver o monte em abysmo rasgado !?

E o Oceano recuar de medroso
Quando a rocha desaba a rugir;
E depois avançando raivoso,
As ruinas da terra engulir !?

E este solo, quem sabe, se outr'ora
Pelo Atlas á Libia cingido,
Remoçado p'los viços d'aurora,
Ver em per'la do mar convertido !?

III

E que per'la que não era
A minha terra donosa;
Que jardim de primavera,
Que estancia tão primorosa!
E tão rica de verduras,
De perfumes e doçuras.
Retalhada de águas puras
Que arroios iam formar!
Que matiz as vivas flores
Não teciam neste solo,
Ostentando seus fulgores,
Bastas qual neve do polo!
Era de mattas vestida,
Desde a c'roa mais subida,
Até a orla cingida

Da vaga inquieta do mar.
E do bosque na clareira,
Rico turbante doirado
Tecia a flórea giesteira
Por sôbre o monte empinado.
Entre a rama buliçosa,
Por noite amena a brilhar,
Descia a lua formosa,
E vinha a relva mimosa
D'argenteos listões banhar!

IV

Assim eras, ó terra florida,
Quando Zargo ésta plaga avistou,
E a bandeira de Lysia temida
No teu solo primeiro arvorou.

Mas não tarda a ambição desmandada,
Que dictára cruel barbarismo
A despir-te das galas de fada;
Oh! mal haja o atróz vandalismo!

Despresando teu floreo encanto,
Os que ha pouco a teu seio aportaram
De verduras em teu rico manto
Com mãos impias o fogo atearam.

Comtemplar quem podéra, ruidosa,
Rubra chamma que aos ares subia,

Investindo c'o a rama frondosa;
E das mattas a immensa agonia !?... .

E a avesinha ululando magoada,
Vendo a prole da chamma involvida,
Ir ás mãos que a perseguem, coitada,
Nas antenas pedindo guarida!?... .

V

Dos thesouros d'Henrique a mais formosa,
A mais linda Esmeralda se ha mirrado;
E Henrique chora d'esta terra o fado,
Inda ha bem pouco tão gentil, viçosa!

Na antiga matta que ambição nutria!
Scismar ardente de seu nobre peito;
Pod'rosa armada p'ra gigante feito
De a longes máres inviar um dia!

Nas verdes ramas, que esmaltavam flores,
Não vem a brisa murmurar saudosa,
Nem a avesinha sua voz maviosa
Aos echos sólta, descantando amores!

Nem pelo valle o martinete exulta,
Nem malmequeres matisando a relva;
Só dos gigantes da frondosa selva
A negra ossada pelo campo avulta!

E o solo ameno tão gentil, gabado,
Jaz sem perfume, sem verdor, sem vida.
Dos thesouros d'Henrique a mais querida,
A mais linda Esmeralda se ha mirrado !...

VI

Desdobrando o sinistro e denso manto,
Que da borrasca envolve a furia horrenda,
Pairar quem vira então sôbre este monte
Batendo as azas da tormenta o genio!?
E com a ingente pluma os ares f'rindo,
O espaço fusilar com mil centelhas,
Com medonho troar que o solo abala,
Alumiando de horror nocturna scena?!
E terrivel, co'a mão rompendo as nuvens,
De grossas águas inundando a terra,
Que em breve formam caudalosos rios,
E em medonha voragem, pavorosa,
Largas penhas cavando, nos abysmos,
Com furioso estampido precipitam!?
E lavando da terra o negro lucto,
Vão de negro tingir do oceano as águas!?
E ésta terra, inda ha pouco triste e horrenda,
Da aurora pelos viços remoçada,
Vel-a depois vestir mimosas galas,
Outra vez convertida em flor dos máres !?

VII

Madeira! ó terra de viçoso encanto !

Que lindo manto, que verdor, que aromas!
De frescas águas que saudosas fontes!
Que altivos montes! que frondosas comas!

Madeira! ó terra de suave clima,
Que o ceu anima com fulgor, com vida;
Que o pobre enfêrmo com teu ar alentas,
E lhe acalentas uma esp'rança qu'rida!

D'homens ignaros inda hoje os erros
Contam os cerros d'escalvado pico;
Mas teus jardins e teus vergeis donosos
Dizem radiosos quanto o solo é rico!

Por onde outr'ora se ostentavam mattas,
Hoje reiratas inquieto o mar,
De loiras messes na ondulante espiga,
Próvida amiga de camponeo lart

D'extranhos climas, regiões distantes,
Contas bastantes no teu seio filhas,
Que em ti vicejam e florescem bellas;
E tu com ellas orgulhosa brilhas!

Madeira! ó patria! quando além dos máres,
Longe dos ares do torrão que é meu,
Tu me appar'cias na saudade, ó fada,
Meiga, adornada de visões do ceu;

Então da lyra me inspiraste os cantos,
Por ti meus prantos eu senti correr;
Que mágua intensa que por ti gemia,
E aos ceus pedia de inda aqui volver ! . . .

Volvi !—e agora neste altar erguido,
Eis-me atrevido compulsando a lyra:
Acceita, ó patria, as derradeiras flores,—
Quantos amores o teu solo inspira!

1863.

JOÃO FORTUNATO D'OLIVEIRA.

XXIV

CARTA.

Funchal 26 de junho.
Hoje que tenho vagar,
Aos que escrevem no *Crepusculo*
Envio muito saudar.

Meus amigos; onde eu vivo,
Lá tão longe do Funchal,
Não tem nem um assignante
O vosso lindo jornal!

Alli o tempo não sobra
Da cultura das *semilhas*,
E da vinha tão querida,
Onde o enxofre mangricida
Vae fazendo maravilhas.

Eu por mim, fallando franco,
Ja não assigno em jornaes,
Pois para artigos de luxo

Nunca me chegam reaes !
Té a cigarreira tem lucto
Pela ausencia dos *brejeiros*
Que por casos financeiros
Succederam ao charuto.

Tantalo dentro do rio,
Com sêde devoradora,
À vista das claras águas
A sêde mais o devora;
E eu, enterrado em matrizes,
Escrevo *contos, milhões,*
E metto a mão na algibeira,
Não acho nem dois tostões!
É como passo os serões:
Sôbre as matrizes vergado,
Das novas contribuições.

Não góso nunca o crepusculo
Nem da manhã nem da tarde,
Que a *essas* horas tão magas
O meu *pe:roleo* ja arde;
E depois... falta-me a *cheta*
Para o «Crepusc'lo» gazeta!

Foi pois mister que negocios
Me trouxessem ao Funchal,
P'ra ter o gósto e a honra
De ler o vosso jornal;

E nelle, coisa inaudita !
Uns versos feitos a ELLA,
Poesia por mim escripta!!

Aos amigos agradeço
A bondosa sem-rasão
Com que a versos sem apreço
Deram segunda edicção;
Porém rógó, por favor,
Que nunca mais me transcrevam
D'aquelles versos *d'amor*,
De quando eu acreditava
Possuir veia poetica...
Mas erão tudo loucuras
Da minha bossa amantetica;
Que alguem que não veja a dacta
Dos taes versinhos *d'amores*,
Hade rír & gargalhada
Dos meus serodios furorés.

E adeus oh rapasiada!
Vou p'ra o Porto do Moniz;
E lá nessa pasmaceira
Disponham d'este

creado
Att.º e mt.º obrig.º

1863.

ALÍPIO AUGUSTO FERREIRA.

XXV

UM CANTO

*À Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Rita
Chiappe Cadet.*

Que lyra tão amena
De magicos segredos,
Viria entre rochedos
Seus cantos modular!
Que extranha melodia,
Que voz enamorada,
Será de etherea fada
Que veio aqui pousar?!

Eu nunca nestes montes
Às aves da espessura
Ouvi canção tão pura
Nas margens de christal;
Eu nunca a toutinegra
Cadente, magoada
Ouvi tão inspirada
Nas solidões do vall'.

É voz de philomella
Que veio sôbre as vagas
D'estas risonhas plagas
Saudar o arrebol;
Desprende as azas candidas,
Ave de niveas pennas,
Descanta entre açucenas,
Mimoso rouxinol.

Oh, salve! sé bem vinda
Musa do Tejo ameno,
Que o vôo ergues sereno
E vens aqui pousar;
Bem vinça essa harmonia
Da tua lyra d'oiro,
O divinal thesoiro
«Gentil, de enfeitiçar!»

Sim, deixa ao alaude
Humilde e ignorado,
Ouvir teu genio alado,
Sudal-o de passagem;
Illustre poetisa,
Do Bardo que suspira
Concede à pobre lyra
Render-te uma homenagem.

As vestes roçagantes
Na terra mal pousando,

Prosegue e vaé cantando
Na voz que os anjos teem;
Do genio o diadema
È luz que não vacilla,
È astro que scintilla
Das nuvens inda além.

Oh! eu tambem aspiro
Aos vôos do infinito,
Minh'alma entende o grito
Que sôlta a inspiração;
Se as rosas se crestaram
Nos páramos da dor,
Em jubilos d'amor
Revive o coração.

Da glória o sonho aereo,
Miragêm que procuras,
Veràs nestas alturas
Sorrir-te em noites bellas;
Eterna primavera
Inflora éstas campinas.
Nos prados mil boninas,
No céu milhões d'estrellas.

Tu vens ouvir a vaga
Na praia onde murmura
Segredos da ternura
D'Arfet e de Machim;

Na selva que palpita
D'anceios e rumores,
Ha balsamo p'ra as dores,
Ha gozos sem ter fim.

Aqui n'este regaço
Das sombras encantadas
Ha brisas perfumadas
Que voam lá do sul;
Nos montes de granito,
Do musgo entre o arminho,
Oh aguia faz'teu ninho
Sob este ceu azul.

1870.

LUIZ D'ORNELLAS PINTO COELHO.

XXVI

o ORPHÃO.

Mais c'en est fait. Grand Dieu ! suffres-tu tan
d'horreur ?

BEAUCHAMPS.

Horrivel furacão açoita os ares !
Vendaval furibundo escava as ondas,
As ondas, que inda ha pouco deslissavam
Pelas fendas da pedra niveos soros,
Que fugiam depois lambendo a areia :
Eil-as montes e valles, que ora assustam
Té mesmo o que ás tormentas vive affeito !
A chuva, que do Ceu desaba a máres,
Os electricos fogos, que se crusam
Na escura cerração, que tolda a terra,
Os horrendos trovões bramindo roucos,
O rugir do Oceano embravecido,
Tudo abala, e assombra, e pasma, e gela !

Orações para ti, nauta sem rumo
Pela vasta soidão das negras vagas.

Orações para ti, victima infausta
Enredada no vortice das águas,
Que em cada marulhão te abrem sepulchros.

Quem por manhan de borrasca
Á beira do mar avulta ! ?
Que peito forte e ousado
Estes horrores insulta!?

Contra o pobre, exhausto seio
Apertando o seu filhinho
Desgraçada mãe divaga
Pela praia em desalinho.

Perto d'ella se finava
O pescador sem ventura,
Que as ondas tinham cuspido
Na rocha limosa e dura.

«Terra e Ceus» — exclama a triste
Ouvindo-lhe um ai penoso,—
«Dai-lhe ao menos breve angustia
«Se não salvaes meu esposo.»

E arroja de si o filho,
Levanta os olhos ao Ceu,
Os olhos que não tem pranto,
Que ao coração reverteu.

E a louca se precipita

Sobre o corpo agonisante
Do que fôra o seu amparo,
Do que fôra o seu amante.

Beija-o mil vezes nos labios,
Aperta-lhe as mãos geladas
Nas suas mãos convulsivas
Contra as faces escaldadas.

Quedou-se por longo tempo,
Tê que um vagido innocente
Do menino, que acordava,
A fez erguer de repente.

Trava d'elle furiosa,
Deita a correr ululando;
Ri-se muito para o filho
Por seu esposo chorando.

Já não rola o trovão, nem crusam raios,
A natureza alegre ostenta o brilho
Das suas producções. Tudo é bonança.

À sombra de copado cedro annoso
Um cadaver hi jaz: e juncto d'elle
O menino que brinca c'os cabellos
Da malfadada mãe morta em delirio.

Orvalho puro do Ceu.
Borrifa a mimosa flor,
A rosa branca dos ermos,
Palida effigie da dor.

LUIZ DA COSTA PEREIRA.

XXVII

○ NAUFRAGIO.

*Poesia dedicada á benemerita
Sociedade Humanitaria do districto do
Funchal.*

Atra procella no Funchal bramindo,
Converteu-lhe em voraz, escuro pego,
A aprasivel bahia, ameno lago.

È montanha espumante que desaba,
Onda que ha pouco se volvia mansa ;
E' sanhudo aquillão fagueira brisa,
Crespas ribeiras, que a cidade atroam,
De argila tornam de cristal as águas.
Lucido ceu, que se revia nellas,
Caliginoso veu tolda-o agora.
Horrenda cerração envolve tudo...
Rapido fusilar, o negro quadro,
Ainda mais medonho, expõe aos olhos!
A cada estalo dos trovões, a penha
Como que sente lhe abalar-se a base.

Ruge o mar Inda mais.

O vento engrossa
Erguidos rolos que açoitados tombam,
Afflicta gente aguarda em surto lenho
O negregado fim de claros dias.
Recente espôso ao peito, ancioso, aperta
Espôsa nova e bella que desmaia.
Simples viajores, de longiquas plagas,
Lembram, com dor, o que deixarão nellas.
O rosto, enfiado, encobre imbelle infante
No seio maternal. A mãe o cinge,
Tranzida, como elle, entre dois golphãos:
O pranto seu, que abrandaria feras;
O mar que a faz vertel-o e não se abranda.

Em vão, perito nauta, em vão intentas
À procella fugir: *é tarde, é tarde!*
Teu veleiro baixel como escapar-lhe?
Se o sóltas da corrente...áquellas praias,
Galgando os montes de fervente espuma,
Ligeiro correrá; se o detens prêso,
Em furioso embate hão-de partir-lh'a
Mil porfiosas ondas; e o naufragio
Infallivel será. Baixel e tudo...
D'encontro á pênha, que acolá negreja,
Irá dilacerar-se.—Oh! quem podéra
Os máres ferrolhar, prender os ventos!

Meia noite, e d'uma noite

De espectros mil povoada ;
Em que a nocturna se esconde
Ave de medo aterrada ;
E nas funchalenses praias
Tanta gente alvoroçada !

E' que nuncio de desastre
Tudo aqui traz agitado :
Pobre lenho, em mar d'abysmos,
Dos ventos sues açoitado,
Tem do canhão pela bocca
Jà por soccorro bradado !

Barca, barca, que ahi luctas
Contra os rijos vendava's,
Para aqui a proa inclina,
Para além...barca não vás ;
Para aqui...que nesta praia
Amigo encôsto acharás.

Mil archotes, mil fogueiras,
Cujo clarão estás vendo
Como eu vejo o teu pharol,
Que se vai amortecendo,
Chamão-te a éstas aréas;
Vem para ellas correndo.

E que bem, que bem que vinha...
Mas noutro bordo virou ;
A carreira que trazia

Porque imprudente deixou?
Foi o genio das tormentas
Que o bom rumo lhe mudou?

Quem acode á infeliz barca,
Á lassa gente que tem!
Não ver-me eu lá...e saber
Guial-a como convem;
Qu'ella já não tem piloto,
Não tem nauta que a guie bem!

E, meu Deus! que tempestade;
Que mar tão negro e cavado;
Que cerração tão espessa;
Que trovões, que vento irado;
Que grossa chuva, que neve;
Oh! que ceu tão carregado!

Que é feito d'ella?! onde está?!
O mar acaso a enguliu?!
De onda fêrvida no dorso
Ás altas nuvens subiu!
Precipitada desceu...
Agora lá se afundiu!...

Barca...acima!

Eil-a de novo
Em lucta co'os vendava's,
Para aqui a proa inclina;

Para além...barca não vas ;
Para aqui...que nesta praia
Amigo encosto acharás.

Das tempestades, oh genios.
Vossas furias abrandae ;
Propicios ventos! agora,
Agora...agora soprae ;
Oh! soprae, que a fragil concha
Perdida, perdida vai.

O seu pharol já não luz ;
Já se a meus olhos sumiu ;
Qu'é d'ella?! a barca! qu'é della!
Para onde me fugiu?!
Pois a cega, a desvairada
Este meu facho não viu?!

Eu oiço o arranco extremo
De moribundo incontricto!
De quem será este rouco,
Pavoroso último grito?!
Já entre os duros penhascos
Se debate o lenho afflicto?!

E tudo agora d'aqui
Para aquelle ponto corre ;
Acolá!... oh Deus dos ceus!
Acolá!... quem a socorre?

A barca em ancias se estorce,
A gente esmagada morre !

Novo dia ronpéra.

O ceu recobra,
Serenos e puro, o seu azul formoso;
Já grossa chuva não innunda a terra;
Vivificante sol tudo alumia;
Claros se mostram do Funchal os cumes
C'roados todos de apinhada neve.
Hontem dia de horror, da vida extremo;
Hoje manhã de vida alegre, pura...
Maravilhas do clima a que vem muitos,
No rosto a pallidez, no peito a morte,
De lonjes regiões buscar alento,
Novas fôrças vitaes, nova existencia !

Pescador paciente o batel fragil
Já de terra largou. Rude o barqueiro
O desviado barco alegre impelle
Para a deserta marge. Em toda a praia
A antiga vozeria recomeça.

Só mal serenas da ribeira as águas
Serpeam para o mar, ainda turvo,
Cançado arfando do lutar da noite.

Em penedia bronca, á beira d'elle
Na falda estreita de rochedo enorme,

Jaz estendido quem em si susteve
Pesadas cargas d'indizível custo ;—
Mensageiro veloz de quanto ás artes,
Quanto ao commercio serve, á paz, á guerra,
E ao odio, ao amor, á vida, á morte :
D'esse altivo baixel valente dorso,
Que para alli cuspiram bravas ondas,
E todas languidez agora beijam.

Rasgados os pés, as mãos,
Que gente é aquella, involvida
Em grossas mantas, que sóbê
Ingreme estrada, comprida,
Levando suspensa, longa,
Madida vela fendida ? !

Que pobre mulher é ésta,
Que nús os pés, fraquejante,
Soltos os louros cabellos,
E nos oíhos delirante,
Fechando o lugubre préstido
Nos braços leva um infante ? !

É do naufragio triste e miserando
A coitadinha gente definhada,
Que á valedora Virgem dos ceus paga
Intimo voto á alma atribulada.

E d'Ella ao templo vai que além alveja

D'aquelle alto arvoredado entre a ramagem (3)
Pedir-lhe que sustente aos filhos fortes
D'esta do *oceano-flor* a gran coragem.

Bem sabía o christão, em Roma, a sorte
Que no circo entre feras o aguardava;
Mas, abraçado em fé, entrava impavido
E co'o leão feroz arcar ousava.

Aqui, na patria minha, o christão sabe
Os riscos qu'entre as iras do mar corre;
Mas alguém vê em p'riço? entra sem medo
E, philantropo audaz, ou salva ou morre (4)

1865.

JANUARIO JUSTINIANO DE NOBREGA.

XXVIII

UM RECEIO.

Olha o sol como desponta
Tão brando em seu fulgurar!
Mas altivo la se vai
Remontando pelo ar,
E talvez dardeje em pouço
Raios de luz de abraçar!

Olha como o mar se estende
Pela encosta sussurrando;
Mas quem sabe se, distante,
As vagas que veem rolando
Virão logo contra a praia
Debater-se rebramando?

Olha a aragem, nem murmura;
Preguiçosa, sem alento,
La entre as flores suspira
Aljofradas do relento;
Mas das auras mentirosas
Como crer no movimento!

Olha o ceu como é sereno,
Como é pura a sua côr,
Só povôa a immensidade
A luz do sol creador;
Mas quem fé terá no tempo
Inscontante, enganador?

Se os máres e o sol contemplo,
Se contemplo o ceo e a aragem,
Um triste presagio leio. . .
Morre-me n'alma a coragem:
D'um receio que me mata
Creio nelles ver a imagem.

É que uma mudança, oh virgem,
Em tudo se me afigura;
Não sei se illusões eu sonho,
Se annuncios de desventura;
É isto que o pensamento
De continuo me tortura.

Oh ! não sei que seja, oh virgem !
Mas — por quem minh'alma o sente! —
Não me engana a phantasia:
Esses receios que a mente
Vê no mar, no ceo e em tudo
São por ti, por ti sómente.

1852.

JULIO DA SILVA CARVALHO.

XXIX

NUM ALBUM.

Nos jardins mais formosos tão lindas vegetam
alegres florinhas,
e vezes mãos ferinas a morte decretam
às innocentinhas! . . .

Succede que nos montes nasce a flor inculta
e morre ignorada
na escarpa de um outeiro, lá quazi sepulta,
mas não maltratada.

Tal como a flor das serras, singella lembrança
venho aqui depôr,—
fraco penhor de affecto, um signal d'esperança,
d'eternal amor.

1857.

D. LEOLINDA JARDIM VIEIRA.

XXX

O ADEUS Á PATRIA.

.....adeus !...Terrível
Amargo adeus é este.....

GARRET.

Eu parto. Fôrça é deixar-te,
Patria minha idolatrada.
Eu vou por outra trocar-te,
Terra d'outras invejada;
Mas, se partir resolvi,
Tornar-me digno de ti
Só quero, mãe adorada.

Se deixo o clima saudoso
Que possues, tão creador;
O teu ar delicioso,
Perfumado, animador;
O teu ceo de azul escuro,
Tão lindo sempre, o mais puro
Que deu ao mundo o Senhor;

O sol vivo e radiante
Que te desperta e dá vida ;
A clara lua brilhante,
Raro em nuvens envolvida
Bem como as brancas estréllas,
Que la fulguram tão bellas
Em distancia desmedida ;

Os montes teus magestosos,
Altivos, alevantados,
Por frescos valles viçosos
Uns dos outros separados,
Par'cêndo medonhos máres
Que a tormenta ergueu aos ares
E foram petrificados ;

As tuas bellas campinas,
Verdejantes, esmaltadas ;
As águas tão crystalinas
De tuas fontes nevadas ;
Tudo quanto a natureza
Te offertou com mais belleza
Do que ás terras mais prendadas ;

E, oh ceos ! como dizêl-o !
Um anjo arrebatador,
Que é o meu pensar, meu anhelô,
Que me enlouquece de amor ;
Anjo que em tudo diviso,

O sol d'este paraizo
Que é do atlantico a flor ;

Se tudo deixo e me ausento,
Se estranhas terras procuro,
Não só buscar eu intento
Porvir mais certo e seguro :
Nutro no peito outra esp'rança ;
É maior a confiança
Que ora tenho no futuro.

A voz que pede riqueza
Mal a ouve um coração,
Onde alto brada a pureza
De filial gratidão ;
Se á patria ser proveitoso
Eu podér, serei ditoso ;
É essa a minha ambição.

Tão puro, ardente desejo,
Possa-o eu cumprido ver ;
Possa sem corar de pejo
Aos lares patrios volver !
Se for nelles acolhido,
Como é sempre um filho qu'rido,
E' completo o meu prazer.

Terra onde nasci
E que me geraste ;

Berço que na infancia
Meigo me embalaste ;
Formoso jardim,
Aonde em folguedos
Passei da puericia
Os dias tão ledos ;
Theatro aprazível,
Que ora á juventude
Me mostraste encantos,
Que fugir não pude,
E assim me prendeste
Em maga ilusão
Escravo toroando
O meu coração :
Adeus. Sei que longa
Será minha ausência ;
Se, porém, eterna,
Sabe a providencia.
Mas antes que eu deixe
Teu doce regaço,
Oh ! não me recuses
Um estreito abraço.
E tu, que inspiraste,
Ó virgem, meus cantos,
Recebe um adeus,
Meus ais e meus prantos.

Eu parto. Fôrça è deixar-te,
Patria minha idolatrada.
Eu vou por outra trocar-te,

**Terra d'outras invejada ;
Mas, se partir resolvi,
Tornar-me digno de ti
Só quero, mãe adorada.**

DR. JOÃO DA CAMARA LEME.

XXXI

MEDITAÇÃO

Sobre as tendencias masculinas e a pretensão de emancipar-se, que por esse mundo manifesta o bello sexo.

A mulher vivia abjecta
Na familia primitiva;
Do pai, do irmão, do marido
Era misera cativa;
Como a dos bois de seus amos,
Sua vida era passiva.

Lêde os poetas antigos,
E os velhos legisladores;
Lêde Hesíodo, Aristóteles,
Gaio, e outros relatores:
Da mulher a vida era
Um tecido de amargores.

Creio ser isso porque Eva
Causou nossa perdição,

Quando da serpente do Eden,
Rendendo-se á tentação,
Levára a maçã aos dentes
Do patolissimo Adão.

Por seu pae foram vendidas
Lia e Rachel, coitaditas!
E postoque fossem ambas
Bem criadas e bonitas,
Apanhavão herva ao gado,
E esfregavam as marmitas.

Mesmo em epochas mais proximas,
Na Grecia, em Roma, e inda além,
A mulher por sal e ovos
È vendida com desdem; (5)
Mas sua sorte melhora
Já da idade media áquem. (6)

Foi pouco a pouco, é verdade,
Progredindo essa melhora;
Mas por fim deitou a dama
Os seus manguitos de fóra;
E está hoje com usura
Pagando-se da demora.

O bello sexo de outr'ora
Era candido e poltrão;
Um tripe-trapé assustava-o

Como se fôra um canhão ;
E dava-lhe faniquitos
O estampido de um trovão.

Só dançava menuetes
Pudibundos e cortezes.
; Quem sonhava então em polkas,
Invenção de tabanczes,
Em que vemos, (abrenuncio!)
Darem-se beijos, ás vezes!...

; Quem sonhava então em valsas,
Ellas que tanto conveem
Ao amante, que filando-se
Á cintura do seu bem,
Ao seu peito em braza aperta-a,
Alli ás ventas da mãe!?...

Na Europa foi-se das bellas
O dulçor de amor fagueiro.
Vê-se uma moça fisingando
Pela gola um cavalheiro,
Gritar-lhe :—«Cazo contigo;
Quanto vales em dinheiro?»

Para a sua alma viril
Os perigos são petiscos.
Ésta, de uma trovoadá
Fazendo figas aos riscos,

Abre as janellas p'ra ver
Fuzilarem os coriscos..

Outra ao mar investe a nado,
Dando folga a seus gracejos;
Sem temer que as niveas carnes,
Alvo de amantes desejos,
As profanem os gadanhos
De lascivos caranguejos.

Vêde ésta, o taco nas unhas,
Amazona de bilhar.
Outra, que tosco ginete
Chicoteando p'ra o domar,
Dá boleos que a põem em público
De canellas para o ar.

Outra, ao culto da banquinha
As suas clerigas chama;
Bate c'os punhos na meza,
Contra a sorte avessa clama,
E com voz imperiosa
Manda o marido p'ra a cama,

Ou nos fundos especula,
C'om furor que nada applaca!
E de olho ávido e sórdido,
Remechendo em uma saca,
Profana os roseos dedinhos
No azinhavre da pataça.(7)

E vêde essa que infla altiva
O seu nariz aquilino ;
Que tornando em clava d'Hercules
O seu estro feminino,
Zurze sem misericórdia
Nosso sexo masculino !(8)

A dama emfim contra os filhos
De tal sorte hoje se ouriça,
Que o leite lhes recusando,
Como madrasta remissa,
Logra os tenros innocentes
Com tetinhas de cortiça. (9)

Ah! por isso não é raro
Nestes dias ver por 'hi
Uma dama ante seu 'sposo,
Muito senhora de si,
Trepando acima de um banco
Gritar-lhe «ki-ki-ri-ki!...»

'Té 'qui ella a esse imperio
Limitava o seu gostinho;
Mas era mulher no trajo:
Usava caças de linho,
Espartilho, pentes, saias,
Dous cadeados e um bentinho.

Mas hoje não: os seus fatos,
No seu corpo contrafeitos,

Vão-se ja *masculinando*,
Como seus gestos e feitos.
Das polkas fazem gibões,
E achatão-se lacteos peitos.

Vejo em gravuras francezas,
Que das modas o tom dão,
As damas trajando véstias,
No ornato e talho á feição
De umas que meu bisavô
Punha em dias de funcção. (10)

E as modistas nos engodam
Co'a esp'rança de vermos cedo
As donzellas de paltó,
Com chapêos tricornes, (credo !)
Grossas botas de canhões,
E espadins de metter medo!

E em Lisboa, d'esse culto
Uma das sacerdotissas,
Promette um premio chorudo
De presuntos e linguças,
A quem lhe fizer nascer
Bigodes, pera, e suiças.

Senhoras, 'stamos na era
Do fulgor da Liberdade!
Repartamos os trabalhos
Entre nós, com igualdade:

O homem despota hoje abdica
Sua antiga authoridade.

Vamos ver se nos daremos
Bem com o uso dos sarilhos;
E se de pernas cruzadas
No soalho ou nós ladrilhos,
Em vez de vós saberemos
Adormecer vossos filhos.

Desde ja para alliviar-vos
Minha vontade se finta:
P'ra dobar e fazer meia,
Largo Musa, penna e tinta;
E se apertardes comigo
Té ver-me-heis de roca á cinta.

Visto que em roupas viris
Tendes hoje a mente absorta,
Que a governança domestica
Muito pouco vos importa,
E que do uso do cachimbo
Ja tendes a bocca torta:

Dai-nos cá vosso *toilette*,
E isso sem esconderello;
Venha todo esse arsenal,
Que eu ardo por par'cer bello,
De cócô, de capilé,
E de plumas no cabelo.

**Sim, cumpre-irmos bem de accordo
Co'as sociaes nivellações;
E visto ser este o seculo
Das grandes revoluções,
Dai-nos os dedaes e agulhas
E vesti nossos calções... (11)**

1852.

JOSE ANTONIO MONTEIRO TEIXEIRA.

XXXII

A***

Tu és, arcanjo, o perfumado incenso
Que o templo exhala em ondolosas nuvens
Do creador ao seio;
Ès a harpa gentil onde o poeta
Modula a sòs nas horas do crepusculo
Saudoso devaneio.

Tu és dourada nuvem que no espaço,
Pela brisa impellida róla á tarde
No lindo azul do ceu;
Ès em noute d'abril a argentea lua,
Que do leito das ondas, vagarosa,
Seu rosto altivo ergueu.

Tu és o clarão baço e melancolico
Da lampada tranquilla que allumia
No sacro altar a cruz;
Do sol que despontou no horisonte
Em aureas chamas de prazer immenso,
Ès a primeira luz.

Tu és da infancia a quadra magestosa,
A imagem fulgurante da innocencia,
 Ave que ao val baixou;
Tu és a borboleta caprichosa,
Que as flores, doudejando na campina,
 Uma a uma osculou.

Tu és do meu jardim a branca roza
Que, no voltar da leda primavera,
 Começa a despontar...
És a estrella a surgir no fim do dia;
Tu és tudo o que eu sei mais puro e sancto
 Na terra, ceu e mar.

1868.

FRANCISCO VIEIRA.

XXXIII

DEUS.!

Porque háde a terra, o mar o ceu, o mundo,
Fallar tão alto e tão pouco ouvir-se ?
.....

Hosanna! ...E teu nome retumba de immenso
Nas águas, no inferno, na terra, nos ceus;
E o canto do bardo, casado co'incenso,
Por brisas soprado se abraça ao seu Deus.

JOÃO DE LEMOS.

I

Amo a rosa, a bonina, o prado, a relva,
Amo a flor na corrente debruçada,
Amo a lympha correndo, o bosque, a selva,
A louca mariposa descuidada.

Amo a lua no ceu qual facho ardente
Entre as trevas da noite relusindo,
Amo a estrella mimosa, a sós, fulgente
Da aurora precursora, além sorrindo.

Do crepúsculo á hora, amo sentar-me
Juncto ás praias do mar;
Ver a onda, na praia suspirando,
Queixumes entoar.

Amo a nuvem que passa e que me enleva
Em extasis immerso:
E' puro incenso a Deus, em puras auras,
Nas aras do universo !

Amo tudo o que Deus com mão potente
Á sua voz formou!
Eu amo a Deus! e tudo um hymno eleva
Ao Deus que me creou!

.....

II

E quem foi que na selva ergueu aos ares
O cedro da montanha?
E quem na escuridão de noite horrenda,
Os raios faz chispar, igneas serpentes?...
Quem dá flores ao prado, aroma á rosa,
Á lua o seu encanto?
Quem levanta no mar negras montanhas,
Que, tocando nos ceus, abysmos formam
Aos pés do marinheiro?
Quem as praias esmalta com seixinhos
Que a onde vem beijar? Quem deu á onda
Seu terno suspirar, seu mago anhelos?

E quem muda em sorriso, em doce pranto,
Máguas do peito humano?
Quem deu ao homem vida, á vida gosos
E duros soffrimentos?! ...

.....

III

Dize, oh Roma, quem teu sceptro
De rôjo no pó calcou?
Quem á Roma dissoluta
Atila altivo enviou?
Um Nero cingiu-te a c'roa
E louco, sem fé, lançou-a
Dos vicios no tremedal,
Mas cedo viu a corrente
Que em sua furia potente
Lavou-te da face o mal!...

Fallae, Sodoma e Gomorrha,
Impias cidades sem fé,
Alteae vossas muralhas,
Erguei-vos... surgi de pé!...
Não podeis, que o Omnipotente
Arrojou-vos de repente
Nesse abysmo em que jazeis,
E vossos faustos doirados
Caíram no pó mirrados,
Unidos com vossos reis!

Jehovah pesou-lhe os crimes !...
E seus *harens* infernaes,
Suas torpesas villães,
Seus mil encantos venaes,
Mirraram-se! e, descuidados,
Seus filhos arrebatados
Foram a lama beijar...
E sulphureas, igneas chammas,
Milhões de candentes flammas,
Foram-lhe a orgia afogar ! !...

.

IV

E tu és grande, oh! Deus! Teu nome eu leio
Em tudo que me cerca! E em cada nota
Da mystica harmonia da natureza,
Suspira o nome teu envolto em hymnos
Que na tepida brisa à tarde voam
Aos magicos arcanos do infinito !...

No iris formosissimo que a aurora
Fôrma na gotta, que saudosa a noite
Deixou cair na purpurina rosa,
As letras do teu nome augusto e santo
Eu vejo fulgurar. E os soes immensos
Que se agitam no Ceu, lançando a jorros
Ondas de luz por esse espaço infindo,
Teu nome e teu poder mudos proclamam

E do teu solio a magestade enfeitam

No ciciar da viração travêssa
Que tímida perpassa entre os pinheiros
Da solitaria encosta; no uivo irado
Do faminto leão; na voz sentida
Do canto do Zagal; na dura senha
Do mar em turbilhão; na meiga nota
Que balbucia a loira criancinha,
Quando a ella se achega a mãe querida
Que vigilante espreita o somno angelico
Do filho estremecido; em rouco estrepito
Da voz do furacão; no ai gemido
Pela crua agonia; em riso casto
Dos labios côr de rosa da donzella,
Que percorrendo o campo em doida festa
Touca de flores as sedadas tranças
E ao vento solta seu sentir festivo;
No ballar do armento; e no suspiro
Do moribundo exangue, que da vida
Sente quebrar-se o derradeiro elo,
E a luz eterna da eternal esp'rança
Lhe doira a sombra do adeus tão triste;
No mar; na terra; no viver; na morte;
Em tudo, oh! Deus!, o teu louvor se escuta
Em tudo um hymno o teu poder acclama!!

V

E eu amo te, meu Deus!.. Humilde verme,

Na pobre condicção da vida minha,
Só tu me dás a luz, só tu me enfeitas
De rosas este peço em que minh'alma
Offegante se agita, e treme, e soffre,
E vacillante paira, e cega busca
Despir-se dos grilhões do vaso impuro
Que os seus timidos vãos parar-lhe tenta!!.

.....

1864

FRANCISCO CLEMENTINO DE SOUZA.

XXXIV

LECOR

OU

A DEVOÇÃO CONJUGAL.

—INEDITA—

Sans les pleurs de sa bien aimée,
Que reste-t-il a l'orphelin?

V. HUGO.

I

C'roou victoria o Rebroto!
Breve repouso á palpebra do Altissimo
Os cancellos do throno lhe escancára;
Surriu-se de vél-o rei o inferno,
E vio o inferno em Lysia:
Vento de morte rasga enconradiço
Dos angulos da terra;
E noite sem aurora sobresalta,
'No seio maternal que o susto afoga,
Eivados fructos de um amor nascido
Entre ferros e lagrimas.
Douro!—Da Liberdade,

Qual nocturna vizão prenhe de medos,

Terrível grito lá se ergue primeiro;

Lá primeiro sangrou 'nas aras d'ella

A garganta do justo.

Ai! Onde estou? que val'de horror é este?

Campo de sangue e lagrimas!

Ferros...cruzes...verdugo...povo em brados...

Crepes de longo dó...sino de morte...

Patibulo...cadaveres...um feretro... (12)

A eternidade em pezo!!!

II

Que espectro é esse, taciturno, augusto,

Que em vestes côr de sombras de finados,

A passo lento e firme,

Gira d'em tórno essa arvor' de agonias?

Co'a foice pela fronte lhe resvala

Do passamento a hora;

E nem rever de lagrima!

Nem um franzir de rosto!

É-lhe na face tão de assento a honra,

Qual de cem reis no solio, a par do esposo,

Noiva, gentil rainha:

Dois nomes de mysterio lhe sussuram

Entre labios apenas:—«Patria! Esposa!»

Lecor!—ô tu o esmêro, o espelho, a honra,

De almo ser de consorte—é elle! é elle!

—Estrella d'esses Bravos—(13)

Que a peitos sem pavez são muro á patria
Que nuta e se espedaça—mago interprete
Da lingua das esferas,
Aonde o passo ardido?
Ao capitolio?—á forca!...
Tanta virtude vai pagar co'a vida!...
Lá lhe acena co'as roxas agonias
Finar de austero amigo:—(14)
«Que eu já te sigo, espera; e qual na vida
Sê-me fanal no transito do tumulto!»

III

Dice—E lagrymas, lagrymas a máres
'Na taça dos prazeres do perjuro
D'esses teus olhos tão queimados jorram!
No ermo de tanta mágua
Nem uma mão se ergueu!
Bradaste!—e ceu tão mudo como a lagem
De lousa sepulchral, ferem teus brados!
E compaixão é crime!
E medra o crime á larga!
Sozinha... em viço de annos derelicta
Entre algozes e victimas—que resta?
Esse punhal!—aonde? aonde o golpe?—(15)

Suspende, ó Triste; humanidade vence!
Qual solitaria estrella que tremula
'Nùm ceu de lucto, lá por noite morta,—
Que esp'rança te inda fulge

Entre os lírios das faces?
Que cavalleiro é esse que affrontado
Rompe—fugaz clarão de meteoro—
P'lo cortejo da Morte?
«Perdão!» —bradou trez vezes,
«Perdão» vão murmurando linguas d'homens
«Perdão» te echoa n'alma qual um mundo
Que de baque no baratro despenha.

IV

Mas não...—de novo ás lagrymas—
A dor que, abutre, nalma te roia,
Cansou ; desistir?—nunca !
De ser homem o Reprobo correu-se.
'Hi-vai pasmar na fragoa
De abafadiço, inhospito destêrro
Lirio que à luz dos ceos d'essesteus olhos,
Que ao doce orvalho d'elles
Medrado te surria.
—«Oh não! não pasmará,
«Que na terra d'angustia
«A maguas tantas sorrerei com elle:—(16)
«Se não nos olhos, sobra-me nas veias
«Com que orvalhal-o ainda.
«Tanto lhe quero, que á fôrça de querer-lhe
«Quasi immortal me sinto:
«Oh! mas se um dia, regressando á patria...
«Morreramos ao vel-a.»—

Mulher bem dita entre ellas,
Que vais contar aos echos d'esses valles?
Que vais pedir aos tigres d'essas brenhas?
O que os homens e patria te negaram:
Sette palmos de terra,
Terra de paz ao menos,
Onde ir jazer co'o esposo!
Nem mais pedra, nem mais lettra que diga
Onde dormem, par' onde se acolheram
Amores, máguas, cinzas de dois justos
Que o mundo repudia! . . .
Ai tanto amor n'um paramo!
Virtudes, graças tantas,
Toda uma vida em flor sorvel-a um ermo!
Ermo!—não para ti; que paes e patria,
Esp'ranças todas, galardão e glorias
São-te nos braços d'elle.
—Manes de Igeuz, guiai-a!
Da poeira do tumulo
Ultrice amor a Igeuz ergueu Rainha;
Não ha de amor, um dia, á terna Alcione,
Das peregrinas praias revertel-a
Ao ninho seu paterno? . . .
—A deust! Adeus!—Ondas do mar, prostrai-vos
Espiritos, soprai ventos galernos,
Estrellas, brilhae sempre:
São duas rolas gemedoras, exules,

Que a longes terras vão pedir um poiso;
São dois Anjos do ceo
Que vão carpir no Limbo.

1834.

MARCELLIANO RIBEIRO DE MENDONÇA.

XXXV

NO ALBUM DE M.^{me} CABRAL.

Teu fragil corpo, que influencia perfida
Ferira sem olhar á formosura,
Cedeu: assim a rosa sôbre a hastea
Languida pende á falta de frescura.

E teus olhos se annuiaram
De morbidez; o teu rosto
Descórou co'a voz e os labios;
Travou-te d'alma o desgosto.

Vivia ao lado teu, anjo, um amigo
Que estallava de dôr e que a escondia:
E, mal lh'o indicam, trouxe-te consigo
Ao rochedo onde esp'rança firme via.

E apenas se confundiram
Os halitos das *duas flores*,
Tuas faces se pintaram
De suaves roseas côres.

Mas ai! que tu, ingrata, vais fugir-nos,
E despresas a *Flor do Oceano* amiga!!...
Ah! não: fica algum tempo, se não queres
Que do teu reviver ella maldiga.

1852.

LUIZ DA COSTA PEREIRA.

XXXVI

O CAPTIVO.

The captive's lot
He felt in all its bitterness; the walls
Of his deep dungeon answered many a sigh
And heart-heaved groan.

ATHERSTONE.

Era alto dia: de masmorra escura
A bronzea porta com 'stridor rangeu;
E d'entre palhas, sôbre a terra dura,
Pobre captivo nua fronte ergueu.

Á luz medrosa, que, por fresta avara,
Rompia a noite d'essa atroz mansão,
Ver pude os sulcos, que lh'a dor rasgára
Na larga frente, com pesada mão.

Nos olhos, gastos de continuo pranto,
Da esp'rança o lume lhe lampeja a flux;
Os membros hirtos lhe encobria um manto
E a barba intonsa, sôbre o peito, a cruz.

Fitou-me alegre : mas sombria idéa
De novo a mente lhe enluctou de dor :
Na mão rugosa, descarnada, esteia
Exhausto, o rosto de mortal alvôr !

Tomei-lhe a dextra; perguntei, movido,
—Porque entre ferros, só, gemia alli.
Um ai nos labios lhe morreu dorido,
E vozes tristes balbucia assi' :

«Ha mais d'um lustro, que, lá no horrizonte,
«Do dia o astro despontar não vejo,
«Nem sinto a brisa, na crestada fronte
«Por dor ardente, vir poisar-me um beijo!

«Para este carcer' me arrojaram fundo,
«Ha já seis annos! o porque, não sei ;
«Da espôsa aos braços me arrancára o mundo,
«Succumbo ao pêso do rigor da lei !

«Nem vem ao menos d'um amigo a voz
«Da esp'rança, n'alma, me entornar a luz!
«Suspiro e gemo, c'os grilhões a sós,
«Sôbre éstas palhas, abraçado á cruz!...

«Porém, no meio d'este atroz tormento,
«No mar sem praias d'agra dor pungente,
«Uma só cousa me dá frouxo alento :
«É da alma o brado, que ante Deus não mente»

«Que é dos meus filhos...?» dice; e frio espanto
Os olhos vagos lhe exalçou aos ceos;
Que a voz, gelada, lhe deixára o pranto
Nos labios mudos, descorados seus!

Saudade amarga, da caverna os muros
Fez ora fúndo repetir um ai;
Senti-lhe os ferros estallarem duros
Nos debeis pulsos! Tal é a dor d'um pae!

Tudo é silencio: tudo é mudo e quedo!
Que sombra é essa do captivo ao lado?
Da morte é o anjo! Recuei de medo,
E um frio os ossos me correu gelado!

De novo a porta da masmorra escura
Ranger nos quicios, com fragor, senti;
E ao ver, sem vida, sôbre a terra dura
Um corpo, este ecco dentro d'alma ouvi:—

Quão triste é a sorte do infeliz captivo,
Que geme, innoxio, neste chão d'horror!
Que sente a alma, com martyrio vivo,
No pego irado soçobrar da dor!...

Que sente, em vida, do sepulchro o frio
Passar-lhe os membros, que mirrára a fome,
Que vê calúnnia arrancar-lhe o brio,
Roubar-lhe os filhos, aviltar-lhe o nome!...

Coitado ! Apenas lá d'além da vida,
Lhe acena a esp'rança, com mortica luz ;
Áquem, a louza sepulchral erguida,
E meiga morte lh'amostrando a cruz !

E se o malvado, cujo atroz encanto
É negro crime, compaixão me: ece,
Dever é justo que se enxugue o pranto
A quem, sem crime commetter, padecê.

Oh vós que as leis excutaes severos !
Puni o crime, com assás rigor ;
Mas não deixeis que o innocente, em ferros,
Succumba aos golpes d'immer'cida dor !

1861.

LUIS ALEXANDRE RIBEIRO DE MENDONÇA.

XXXVII

TRIBUTO DE SAUDADE

*Á memoria da minha prezada amiga
e bemfeitora
A Ex.^{ma} Snr.^a D. Julia Christina Monteiro
de Bettencourt.*

—INEDITA—

Ergue-te, pomba, do gelado leito ;
Vem escutar a minha voz saudosa ;
Vem ver-me o pranto que hoje aqui, chorosa,
Por ti rebenta de meu triste peito.

Dos puros labios o ingenuo riso
Venho buscar, para apagar-me a dor
Que me deixára da mudez o horror
Em troca do terreno paraíso.

Em quantos peitos a viuvez deixaste!
Em quantos olhos borbulhando o pranto
Que em vão reclama d'essa voz o encanto,

Que dêste a Deus e nalma nos gravaste!

Eras do ceu, angelica assucena!
Teus dias a virtude numerou;
Dos anjos a sympathica ternura
Na bella fronte o berço te gravou.

Ai berço, berço de flores
Que a materna mão creou;
Ai berço aonde a virtude
Seu perfume insinuou!

Bebeu teu seio esse aroma
Que no sepulchro fechaste,
E ás almas que acarinhaste
Esse nectar inda assoma!

Eras do ceu, sympathica assucena!
Envia ao seio do amado esposo
Esse perfume d'alma que, choroso,
Elle procura para a viva pena.

Solta-lhe nalma, que a saudade rala,
O halito que a vida lhe afagava!
Essa doçura que o alimentava
Mate-lhe o fel que nos seus dias cala.

1871.

D. LUIZAMARIA PEREIRA.

XXXVIII

A VIUVA DO ARTISTA E O ORPHÃO.

De artista que em flor morreu
Saudosa viuva sou ;
Saudosa sim, que o amei
Como ninguem inda amou ;
Ninguem... diz-m'o aqui no peito
Saudade que me ficou.

D'esse amor tão casto e sancto
Dois fructos, só, eu lhe dei ;
Cubiçou-o Deus o primeiro,
E quanto, quanto o chorei !
O segundo eil-o em meus braços,
Para que!? ceus! eu não sei!

Não sei...; que honrosa miseria
Foi quanto elle herdou do pae;
Ao pobre innocente a fome
Mirrhando os bracinhos vae,

E da mãe a aflicta vida
Em prantos de dor se esvae.

Não sei, não; máguas, tristezas,
Eis quanto a viuva tem;
Nem já na trémula mão
A gasta agulha sustem;
A agulha que nem a ella
Nem ao orphão já mantem.

Não mantem já...; p'ra os manter
Ah! muito, muito cozeu;
Quem tanto lidou com ella
Dos olhos té luz perdeu;
Já não vê, já não distingue
Nenhum dos pontos que deu!

Apenas te vejo a ti,
Anjo de amor que gerei;
Por ti só que não por mim
Dia e noite costurei;
E quando deixar de ver-te
Nada no mundo verei.

Assim foi. Viuva e orpham
A penar continuaram;
Em um asylo a viuva
Em pouco tempo encerraram,
E para outro o filhinho
Dos braços lhe arrebataram.

Ausente d'este a mãe triste
Tantô chorou e soffreu ;
Tanta lagrima de sangue,
Tanto pranto ella verteu,
Que em breves dias, coitada!
Cegou de todo e morreu! (17)

1859.

JANUARIO JUSTINIANO DE NOBREGA.

XXXIX

NO ALBUM

do Sr. João Baptista de Freitas Leal.

Apoz os versos divinaes, harmonicos,
Que no teu album acabei de ler, (18)
Apoz o nome da poetisa illustre
Meu nome humilde tambem queres ver?!

E mais, teu livro tornarão esplendido
Talentos raros, com seu canto bello,
No nobre abraçar do saber — que buscas —
Coimbra illustre, — meu constante anhelô.

Mas... vejo ás vezes scintillarem trémulas
Sem conto estrellas, lá no ethereo espaço;
Que densa nuvem obscureça uma...
Dos ceus o brilho não se antolha escasso.

Assim, desdoiro deste livro ás páginas,
Meus pobres versos não virão lançar;

Porque do genio o esplendor que parte,
Ninguem na terra poderá toldar.

E quando fores em longinquas plagas
E deparares com meu nome aqui,
Saudoso pensa num leal amigo
Que muitas vezes pensará em ti.

1861.

ALFREDO CESAR D OLIVEIRA.

XL

NO ALBUM

da Ex.^{ma} Snr.^a D. Carolina Barruncho.

Roseira louçã do valle
Linda rosinha floriu;
Desfolhou-a um sol ardente,
Ninguem mais rosa lhe viu:
E ahi vegeta acanhada,
Pallidas folhas, mais nada!

Oh virgem, como a roseira,
Nesses tempos que lá vão,
A minha musa risonha
Produziu uma canção;
Mas essa quadra passou,
Não mais a lyra soou.

É que então ledo, ditoso,
Tinha outr'alma, outro sentir:
Sonhava sonhos d'amor,

Tinha esperança no porvir,
E entre doces illusões
Tinha mil inspirações.

Quando o sol rompia altivo
De seu leito magestoso,
E froixo lá pela tarde
Se descia vagaroso;—
Essas horas que eu amava,
Mais solemnes a julgava.

O arroio que, entre os olmedos,
Sorpeava murmurando,
Sua lympa era mais pura,
Tinha o murmurio mais brando;
E, ao deslizar, me dizia
Mysterios que eu entendia.

E da encosta a flor agreste,
Tão simples, tão sem odor,
De toda a gala despida,
Tão alheia de primor:—
Vinha entornar brandamente
No peito encanto innocente.

Mas, virgem, já não m'enleva
Do sol a ascensão brilhante,
Nem o arroio a deslizar
Tem murmurio que me encante,

Nem lá da encosta a florinha
Tem atracções como tinha!

Se eu volver pudesse, oh virgem,
Aos tempos que já lá vão,
A minha musa risonha
Produzira uma canção;
Mas essa quadra passou,
Não mais a lyra sou!

1862.

JULIO DA SILVA CARVALHO.

XLI

BARCAROLA.

Sobe vella, apanha o vento,
Que os pulsos não podem mais;
Quero espalhar meu tormento,
Em fundos, sentidos ais!

Voga meu barco ligeiro,
Que tens um anjo por ti,
Corre ao porto hospitaleiro,
Que a saudade é funda aqui!

Mão de ferro opprime o peito,
E porque, não sei dizer,
Negro está do mar o leito,
As vagas fazem tremer.

Voga meu barco ligeiro,
Que tens um anjo por ti;
Corre ao porto hospitaleiro,
Que a saudade é funda aqui!

Doce brisa que me afagas,
Meu barco impelles tambem,
Meu tormento enfim acabas,
Que a terra chegando vem.

Voga meu barco ligeiro,
Que tens um anjo por ti,
Corre ao porto hospitaleiro,
Que a saudade é funda aqui!

Sôbre o monte eu além vejo,
Largas vestes alvejar,
Venha, oh venha, um doce beijo
Meu tormento aqui findar!

Voga meu barco ligeiro,
Que tens um anjo por ti;
Corre ao porto hospitaleiro,
Que a saudade é funda aqui!

1863.

M. DE CASTELBRANCO & C. ACCIAIOLI.

XLII

A ELLA.

Ai!...tudo morre.

* * *

Foste tão bella, tão formosa outr'ora!
Tinhas tal viço, tão mimosa côr!
A tez tão fina, tão de neve, branca,
Fizera inveja inda á mais branca flor.

Um teu sorriso tinha tanto enleio!...
Tinham teus olhos tão mimoso olhar!...
Tinham teus gestos tanta graça, tanta
Que quem te via se obrigava a amar!

Se doudejavas pelo prado ou selva,
Enfeitiçando no pisar gentil,
Eras bem como, a retoçar nas flores,
▲ mariposa lá no mez d'abril.

Se meditavas em silêncio fundo,
Se contemplavas terra, mar e céus,
Ai! —quem te vira te julgára archanjo
D'esses archanjos que rodeam Deus!

Louco d'amores por gosar-te, um dia
Sonhei venturas que m'havias dar
Num terno beijo; num olhar sereno
Tu me ensinavas a saber-te amar.

Mas esses sonhos que sonhei ditoso,
Essas venturas que meu peito creu,
Só tu podias, meiga pomba, dar-m'as,
Anjo divino, que do ceu desceu.

Ai!... mas tu foste como a ave implume
Prêsa nas garras do açor imigo,
A despedir o derradeiro grito,
Roubada ha pouco ao maternal abrigo!

Ai!... mas tu foste como a cecem candida
A quem o verme corroeu o seio,
Que se immurchece, sem odor, sem vida,
Perdendo á vista seu tão grato enleio!

Bem como a ave, como morre a flor,
Assim morreste, ai! anjo bom, tambem:
—Ave sem ninho do açôr nas garras,
Roubada á haste, virginal cecem.

Ai! tudo passa quanto existe, tudo,
Tudo do tum'lo se desfaz no pó!
E porque foi que não morri contigo?...
—Para chorar-te neste mundo só!...

1863.

ANTONIO POLICARPO DOS PASSOS SOUSA.

XLHI

A MORTE DE UM FILHINHO

Do Sr. Antonio Leite Monteiro.

Quando a flor logo ao nascer
É pelo vento esfolhada,
Inda assim deixa saudade
Em nosso peito gravada.

Tu não vês no ardente estio
Mariposa innocentinha
Alçar o vôo e ir morrer
Pousando sôbre a florinha ?

Tudo vérga ao grande péso
Do braço da desventura:
Felizes os que do berço
Caminham p'ra a sepultura.

Não se choram offertas a Deus!
Dil-o a paz de qualquer mausoléu:
É desgraça ter jóias na terra,
É riqueza ter prendas no ceo.

1868.

JOSE MARCIANO DA SILVEIRA.

XLIV

SAUDAÇÃO

À Exm.^a Snr.^a D. Julia de França Netto.

Salve a cantora gentil,
Que á patria dar lustre vem,
Salve a modesta donzella
Que o coração nobre tem.

Da caridade inflammada,
Volvendo á patria infeliz,
Aligeirar-lhe os tormentos
Compadecida ella quiz.

E com seus doces gorgeios
E divina melodia,
Enleando nossas almas,
Dá aos pobres alegria.

Salve ó cantora,
Mil vezes mil,

Salve, ó cantora
Meiga e gentil.

Tu nos enlevas
O coração
Quando murmuras
Doce canção.

Ora parece
O rouxinol,
Carpindo triste
Sem ver o sol;

Ora qual vento
Brando, veioz,
Percorre o espaço
A sua voz.

Sôbre as azas da harmonia
Os sons que elevas aos Céus
Semilham coros celestes
Cantando hymnos a Deus.

Mas se desces das alturas
Onde ha pouco te elevaste,
Quando oūvimos com assombro
Graves notas que soltaste ;

Arrebatados ficámos,

Suspensa a respiração,
Nem gira o sangue nas veias,
Nem palpita o coração!

Não prolonges essa nota,
Gentil cantora... não mais...
Resistir-lhe é mais que humano,
Tanto não podem mortaes!!

Salve a cantora gentil,
Que á patria dar lustre vem,
Salve a modesta donzella
Que o coração nobre tem.

E vós todos que prestaes
O talento á charidade,
E vós que destes esmola
A bem da mendicidade,

Aceitae tudo que póde
Dar-vos a triste indigencia:
—Votos puros que ella envia
Por vós hoje á Providencia.

1857.

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS.

XLV

O ROUXINOL.

Tu calas-te em quanto Phebo
Dispensa com fausto o dia,
E só confias das sombras
A tua melancolia.

ALCIFE.

O mago cantor da noite
Inspirou-me a frouxa mente,
Nessa hora em que gorgeia
Seus amores docemente.

Como elle, desdenho o côro
Que celebra o sol, o dia,
E canto do rouxinol
A singular melodia,

Quando os extremos murmurios
Do dia vão acabar,
E da noite co'o silencio
Já começam a lutar,

Sobre as collinas, nos valles,
Do rio á margem, no monte;
Quando se cala a floresta
E apenas se escuta a fonte;

Quando nem suspira a folha,
Quando a lua esmalta os ceus,
Quando o homem se repousa,
O rouxinol louva a Deus!

Ferindo o echo
Teu doce canto,
Ja prazer gera,
Já excita o pranto.—
Notas que soltas
Já graves são,
Já vão agudas
Ao coração.—
Torna-se vivo,
Torna-se lento,
E n'alma imprime
Doce tormento.
É um hymno alegre
Sua canção;
Revela o júbilo
De um coração,
Que d'amor geme,
Que amor domina,
Que d'amor soffre
Carga ferina.

Mas derepente
A voz descae,
Muda o accento,
Parece um ai!...
Languido é o canto:
Que melodia!
E que suave
Monotonia!
Chora os filhinhos
Que já perdeu,
E assim mitiga
O pezar seu:
Parece ás vezes
Sua saudade
Pedir auxilio
Por piedade.
E o som que agora
È som de dôr,
Já entoou
Feliz amor!...

Tal é o canto, em todo o tempo
Expressão do sentimento!
Canta o homem na ventura,
Canta se geme em tormento.

E o rouxinol,
Como o christão,
Prefrindo ao mundo
A solidão.

Bem diz cantando
Divino amor,
E as maravilhas
Do creador!

1845.

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS.

XLVI

A MORTE

do meu verdadeiro e jamais esquecido amigo

O SNR. CONSELHEIRO

DR. ANTONIO DA LUZ PITTA.

Descança lá no ceu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

CAMÕES.

O pranto que ha muito meus olhos não viam,
nas faces me corre! Bemdicto, meu Deus!
Ao menos nest' hora de pena tão funda
Tu balsamo ao triste mandaste dos ceus!

A dôr, a amargura, retalham meu peito,
ao ver esse corpo... á terra baixar!
Meu pranto, não pares nest' hora d'angustia,
não deixes meu peito de mágoa estalar!

Amigo! Fugiu-te o meigo sorriso,
que, sempre em teu rosto, bondoso encontrei!
A mão tens gellada que tu me off'recias,
teus olhos fechaste-os, jamais os verei!

Morreste! Ai, morreste e aqui me deixaste
tão triste, sosinho, sem mais protecção!
Na casa dos mortos não podes ouvir-me,
inerte e gelado o leal coração!

Morreste! Não poisa já, attento, a meu lado,
quem vezes infindas a vida me deu!
Ah! quem tantas vezes co'a luz da sciencia
em meu pobre espirito a luz accendeu.

Amigo! Partiste p'ra o mundo dos justos
e assim me deixaste por ti a chorar!
Do solio divino p'ra onde tu foste
não deixes, ai, nunca, por mim de velar!

A livida morte não poupa a sciencia,
os nobres ataca, não poupa a virtude!
Decepa a belleza tão cheia de encantos
ao pó cans arroja e louçã juventude.

São altos designios do Deus poderoso,
que o vérme impotente jámais comprehendeu!
Senhor, eu me prostro a teus sanctos mandatos,
Bemdicto é teu nome na terra e no ceu!...

Amigo, ai morreste! Sem ti neste mundo
bem pobre me deixas d' affectos d'amigo,
mas sinto em meu peito pulsar-me a esperanza
de apoz esta vida ser inda contigo!

O pranto que ha muito meus olhos não viam
nas faces me corre — orvalho dos ceus!

**Ao menos, nest'hora de pena tão funda
achei lenitivo! Mil graças, meu Deus!**

**Amigo, descança das penas do mundo,
e acolhe o meu canto de flores despido.
E' pobre tributo d'uma alma saudosa,
singela homenagem d'um peito dorido.**

1870.

JOÃO AUGUSTO D'ORNELLAS.

XLVII

A VIGILIA DO SENHOR.

(No Estreito de Camara de Lobos)

Era tarde. Santa tarde
Consagrada aqui a Deus.
As nuvens escureciam
Esse manto azul dos ceus.

E do tecto das choupanas
Tenue fumo que se erguia,
Subindo té as alturas,
A's nuvens junctar-se q'ria.

Um leve sôpro agitava
As folhas dos castanheiros ;
Corriam, cantavam ledos
Os singellos pegureiros;

Em quanto a mãe lá na choça
Cea prepara frugal,

E o pae espera. assentado
Da porta sob o umbral,

Lá tange o sino trez vezes!
—Resa, resa *ave-Maria*—
Diz a mãe ao mais pequeno
Dos filhos que tanto q'ria.

E de joelhos prostrados
Todos, todos vão resando,
E ao som das badaladas
Vão preces ao ceu mandando.

Mas apenas o repique
No campanario acabando,
Vão mil fogos d'improviso
Pelos ares fuzilando.

E de repente
É um espanto...
Toda a campina
Como d'encanto,
Brilha em jardins
De fogos mil,
Estalam bombas
De côr d'anil,
Zunem foguetes,
Repicam sinos,
Ouvem-se ao longe
Uns sons divinos,

E sobre os picos
Mil instrumentos
Fazem soar
Doces accents !

Mas essas luzes do campo
Pouco a pouco se apagavam ;
Nem uma fica com vida
D'essas que tanto brilhavam . . .

E comtudo, o campo ostenta
O mais intenso fulgor !
Os plainos do ceu sem nuvens
Inspiram cantos d'amor . . .

È que as luzes que fulgiam
Eram só imitação : —
As obras dos homens morrem,
As de Deus não morrem — não !

E' que a lua que escondiam
Densas nuvens lá nos ceus,
Apparece com mais brilho
Nesta noite que é de Deus !

E' que mil fachos luzentes
No firmamento espalhados,
Dizem mais que todos esses
Pelos homens fabricados.

Glória a Deus, a Quem domina
Na terra, no mar, nos ceus:
E paz ao homem que adora
Na terra o nome de Deus.

1855.

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS.

XLVIII

UMA SAUDADE.

Que noite d'encanto!

SOARES DE PASSOS.

Que horas aquellas,
Que noites tão bellas,
Que fallas singellas,
Mil graças do ceu!
Que bocca donosa,
Que labios de rosa,
Que fronte formosa
Que ao peito pendeu!

Que olhos tão bellos,
Que lindos cabellos,
Que doces anhelos
Me deram a mil!
Que voz attrahente!
É trino cadente
Da ave innocente
Por mezes d'abril.

Que mão delicada,
Que cinta de fada!
Que hora encantada,
Com ella passei!
Palavras a medo...
Tudo era um segredo!
Sorriso tão ledo...
Ai quanto gosei!

A ventura, escassa,
No peito mal passa,
Que logo a desgraça
Nos vem torturar!
Em negro momento
Cruel pensamento
Roubou-me o alento,
Mas pude chorar!

Que meiga brandura,
Celeste doçura!
Que maga ternura,
Que juras d'amor!
E por casto geito
Unindo a seu peito
Meu rosto desfeito,
Calou minha dor!

Que horas ditosas,
Que noites formosas,

Que nunca mais gozas,
Pobre coração!
Perdida a esperança,
Só resta a lembrança!
Meu peito não cança,
Recordando em vão!

1867.

MAURICIO CARLOS DE CASTELBRANCO Manoel.

XLIX

○ ARCO IRIS.

Genesis IX, 12, 13.

I

Formoso arco celeste,
Que 'nos ceos te vais curvando,
E o alto firmamento
De mil côres matizando!
Aquelle que com Seu sôpro
Tão acima te elevou,
E com variadas tinctas
Sabiamente te pintou,

II

Aquelle que te sustenta
Com tanto brilho e belleza,
Foi coberto em sua vida
Com o manto da pobreza.
Aquelle que te curvou
Do modo o mais magestoso,

Foi condemnado a morrer
Como um facinoroso.

III

Com o seu sangue innocente
O seu rosto foi manchado—
Esse precioso sangue
Que por nós foi derramado.
Todo o calis d'afflicção
Sôbre elle se esgotou;
E para nos libertar
Em tormentos expirou.

1858.

D. EMILIA ACCIAIOLY REGO SENIOR.

L

CARTA

a um poeta portuguez que já não escreve senão em francez.

Por uma anonyma (19)

Poeta illustre! Deixa que uma anonyma
Falar-te possa em tal ou qual mysterio!
A liberdade pôde ser reciproca:
Eu por ser dama, tu por seres... *serio!*

Que é d'essa Musa jovial, sympathica,
De quem tu eras o risonho oraculo?
Aquella musa portugueza, *pandiga*,
Que te dictava portuguez vernaculo?...

Que é d'essa musa que do bom Democrito
Dando-te o riso, que confunde os sabios,
E armando á luz a gargalhada homericã,
Do povo todo desfranzia os labios?...

Poeta!... As costas, tu, voltando á muza,
Na face d'ella primorosa e casta
Tacão ingrato pespegaste, oh vate!
Mas não me admira; es ilheo e basta.

E maltractando a portugueza musa,
Musa *francelha* teu favor venceu,
Musa nazal, que do nariz faz bocca,
E arrasta os R R! vê que gôsto o teu!

De mais a mais, meu velho amigo, os versos
Que tu *publicas* . . . ninguem mais os vê!
Imprimes, gozas, mas não dás nem vendes...
Ouro escondido que tu tens, José!

Escuta: agora, se prussiana balla
Da Musa os cascos reduzir a astilhas,
Volta, viuvo, ao puro amor da infancia!
Namora a outra! Torna a vêr se a pilhas!

1870.

ALFREDO CESAR D'OLIVEIRA.

NOTAS

NOTAS

(1)— pag. 57

Esta poesia é imitada da seguinte imitação franceza:

LA SÉRÉNATE.

(Imitation d'un Lied d'Uhland)

—Ma mère, dans notre demeure,
Quel chant me réveille ce soir ?
Qui donc vient chanter à cette heure ?
Regarde, mère, peux-tu voir ?

—Je n'entends pas de sérénade !
Je ne vois rien sur le chemin.
Calme-toi, pauvre enfant malade,
Et dors en paix jusqu'à demain.

—Non, je comprends cette harmonie :
Les anges m'appellent vers Dieu ;
Du Ciel c'est la voix infinie.
Adieu, ma bonne mère, adieu.

(2)— pag. 84

« Dos paes de João Gonçalves Zargo, primeiro capitão do Funchal, não ha certeza alguma, porém de suas obras ha memorias il-

lustres; por que se diz que estando o nosso Infante D. Henrique no cerco de Tanger, nelle se achava João Gonsalves, e pelejou tão valorosamente que o mesmo Infante o armou Cavalleiro; diz-se que, um moiro, desafiando a quem da dita praça sahisse a pelejar com elle, e que sahindo successivamente tres, e ficando todos em o campo mortos,—sahira então um joven soldado só com a darga embraçada e um pedaço de pau em a mão direita, e investindo com o moiro, não fazia mais que com o pau destramente desviar-lhe as lançadas, até que depois de muitas, desviando uma, deu no moiro tal pancada com o páu, que o deitou por terra, e prendendo-o logo o trouxe por seu captivo á Praça, e por este moiro se chamar *Zargo tomou este soldado e ficou com o appellido de Zargo.*

CORDEIRO — (HISTORIA INSULANA LUSITANA.)

Aquy vendo o valor, & o forte brio
Com que só contra tantos peleijaua
Um Xequé o provocou a desafio
Que em proprio nome Zargo se chamaua,
A quem com o suor da morte frio,
Sem o calor da vida, tal deixaua,
Que quasi so pôs tregoa ao cerco forte,
Parando em tanto a furia de Mavorte.
Do nome deste Zargo, o nome teue
De Zargo.

MANOEL THOMAZ — (Poema da Insulana)



(3)—pag. 125

A bem conhecida igreja da mui invocada *Senhora do Monte*.

(4)—pag. 125

Bem sabida é a abnegação, verdadeiramente heroica, com que os madeirenses arriscam a vida pela de seus semelhantes, em todas as calamidades, como naufragios, incendios, inundações, epidemias.

(5)—pag. 135

É sem dúvida dos Romanos que foi herdada na Inglaterra a practica, ainda ali seguida hoje, da venda de mulheres de certa classe; venda essa que se faz em Londres no mercado do gado, onde a mulher é levada de corda ao pescoço, e geralmente vendida por quartilhos de genebra.

(6)—pag. 135

(3) Em presença da veneração que hoje consagrámos ao bello sexo, não podem acreditar facilmente os que não estão versados

nos escriptos da antiguidade, que a mulher fôsse nessas remotas epochas considerada tão despida de dignidade moral, que o homem a tinha na conta de uma coisa, de um movel, de uma vacca, de uma escrava, que cada um podia, a seu bel prazer, dar, legar, vender, arrendar ou emprestar ! Não pareça uma ficção poetica se avançâmos que os titulos de irman, de esposa, de mãe, esses os mais sagrados dos nomes que entre os homens hoje servem para designar as mais doces afeições de sua alma, foram pronunciados, durante muitos seculos, sem despertarem, como hoje despertam em nós, ineffaveis sentimentos de ternura e de respeito.

(7)—pag. 137

A paixão do jogo nos fundos publicos, em acções de caminhos de ferro, &.^a é em Paris mais um vicio moderno do *illuminado* bello sexo. Em 1844 causou elle tantas ruinas, e tão espantoso escandalo, que d'ahi procedêram divorcios. Varios suicidios houve entre senhoras, algumas d'ellas de alta jerarchia, sendo um d'elles o de M.^{mc} de Linières em plena Bolsa.

(8)—pag. 138

M.^{no} Dudevant. Bem pode dizer-se que

ésta machôa prototypo pertence a um terceiro sexo. Detestada das senhoras, cujo sexo tanto renegou, que até tomou o nome masculino de *George Sand*; odiada dos homens, que ella ridiculisa e menoscaba em suas obras, tem ella abusado de seu extraordinario talento como escriptora, para com a peçonha de suas prestigiosas novellas envenenar a imaginação de suas incautas leitoras.

(9)—pag. 138

No nosso entender não é pequena prova da *masculinação* do sexo e do seu desapêgo materno, a invenção dos *biberons*, ou *feeding bottles*, esses fingidos peitos, de vidro, cortiça ou bexiga, os quaes, cheios de leite de vacca, papas ralas, chá &.^a &.^a, servem ha annos a ésta parte como vehiculos de alimento ás crianças, nas grandes cidades. Desde a sua adopção bem pode dizer-se que já o infante não sente o vivificante calor do collo de sua mãe. Ja não gosa seu doce bafejar, seus ternos beijos. Ja não adormece encostado a um coração palpitante de carinhosa sollicitude! Tosca e mercenaria serva, com o biberon na mão e a indiferença na alma, é, na casa d'essas *esprits forts*, a representante, a plenipotenciaria do amor materno. Nesses centros da civilização, as mães, preocupadas do folguedo mundano, e de doiradas idéas de independencia social, não teem tempo para essas exigencias, essas *séccas* da maternidade. Outros encargos de maior gravi-

dade lhes tomam o breve e precioso tempo. De dia, cumpre que essas viragos revistem os bazares, as lojas das modistas, os hippodromos & &. De noite sollicitam-nas as operas, os melodramas, os impudicos vaudevilles, os clubs, as mascaradas, as jogatinas & &. Embebidas nessa alta poesia, donde tirarão ellas o tempo para o prosaico amamentar?! . . . E se a um *sacrificio* d'esses, posto que de relance, as resolvessem uns vislumbres de consciencia, que sorveriam esses innocentes, senão um leite internamente talhado, tanto da esquentação das lubricas valsas e polkas, como das fumaças do charuto, de que seus rubicundos labios se teem tornado peçonhentas cratêras!

(10)—pag. 139

Na gazeta—*Illustrated London News*—vem debaixo do titulo—*Modas francezas*—em data de 3 do mez passado, dous desenhos de véstias de senhoras, que são cópias fieis das bordadas véstias de velludo de que usavam os empoados gravatões do principio do seculo passado.

(11)—pag. 141

Quanto dizemos aqui do bello sexo, são epigrammaticas allusões ao espirito masculino e de nescia emancipação que d'elle se vai apo-

derando, por esse mundo civilizado. Não tomem, pois, para si o recado, mas sim como um aviso salutar, uma medida preventiva, as senhoras da ingenua e candida Madeira; e fiquem bem certas de que, da Cartilha da *Emancipação das Saias*, que estuda a delirante ociosidade feminina d'essas opulentas e voluptuosas capitaes, ainda não sabem as Madeirenses senão o b a-ba. E dem ellas, do seu meritório atrazo, graças ao Omnipotente. Que essa alta illustração, essa magica liberdade, pela qual por lá se forceja, são triumphos que se não alcançam sem que fiquem no campo da batalha, espesinhadas, essa corôa do pudor, e essa palma da magia do seu sexo, que são seu mais bello ornamento, sua fulgurante aureola. Sim, não se obtem essas victorias sem que fique neutralizado o effeito d'esse iman mysterioso, e invisivel, com que a candura e a belleza femineas tão victoriosamente nos attrahem e subjugam.

(12)—pag. 131

Não menos de nove leaes e bravos Portuguezes receberam nessa occazião a coroa do martyrio: o Dr. J. F. Pestana, foi constrangido a presenciar o supplicio de todos.

(13)—pag. 131

Subelevação de Coimbra—organisaçã do Ba-

talhão Académico—levantamento de fortificações 'nesta cidade, em tudo houveram partes muito activas o patriotismo e lealdade d'este illustre Madeirense.

(14)—pag. 152

O Bacharel J. M. Martiniano da Fonseca. Leve te seja a terra, primeiro Martyr da Liberdade Madeirense! Possam essas duas palavras d'amigo que te muito respeitava, por que te bem conhecia, vingar a memoria de teu nome, da censura de ingratos compatricios! Sempre que a virtude transpõe os terminos d'estas nossas do cálculo e convenção, *imprudencia* é, pelo menos, o nome com que a mimoseámos.

(15)—pag. 152

Historico.—A illustre *Mathilde Pestana Lencor*, determinada a tirar-se a vida quando seu marido a perdesse, de joelhos perante a imagem de um crucifixo aguardou a fatal nova.

(16)—pag. 153

Sentenciado o Dr. Pestana a penar dez annos de degrêdo 'nos dominios de Angola,

sua illustre consorte pediu, instou e conseguiu aquinhoar-se metade d'esta pena.

(17)—pag. 166

Recolher a viuva desvalida no asylo da mendicidade e os filhos no dos orphãos, com o fim de lhes dar alimento, é uma coisa evidentemente christan, mas que póde muitas vezes ter o inconveniente de fazer estallar de dôr uma mãe extremosa. Fazemos votos pela conservação das Sociedades de Beneficencia que soccorrem as viuvras e os orphãos em suas casas, e por que se associem todas as classes operarias, como sendo a associação para ellas um grande bem.

(18)—pag 167

Allude a uma mimosa poesia da Ex.^{ma} Sr.^a D. Mathilde de Sant'Anna e Vasconcellos Moniz de Bettencourt, Viscondessa das Nogueiras.

(19)—pag. 197

O Sr. José Antonio Monteiro Teixeira, decano dos poetas Madeirenses, que escreve na lingua de Barthelemy como na de Tolentino, tem ultimamente guardado seus ver-

sos portuguezes com a avareza de Harpagon publicando todavia alguns volumes de excellentes poesias em francez, que distribue apenas por alguns amigos mais particulares.—O poeta não respondeu a ésta carta, naturalmente porque reconheceu que não era uma dama quem o procurava despertar.

ERRATA

Por não constar dos authographos vão sem a designação de *ineditas* algumas poesias que o são.

Houve engano na numeração, de modo que contem este volume LIII composições, e não L como parece.

Alguns outros erros escaparam; os principaes são os seguintes:

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS.
21	7	perecebeu	— percebeu.
22	20	brisa ara	— brisa era
37	7	plamares	— palmares
47	12	mensagueiro	— mensageiro
48	1	luta	— luto
48	11	esvoaçando	— esvoaçando
69	22	Borque	— Porque
76	14	abandano	— abandono
86	17	affaina	— afaina
90	2	terno	— torno
111	20	sudal-o	— saudal-o
124	19	prestido	— prestito
148	4	senha	— sanha
161	9	excutaes	— executaes
180	4	prolonges	— prolongues

DXXXXXXXXXD

U. C. BERKELEY LIBRARIES



C093289423

